



**Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu***  
**Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação**  
*Campus Nilópolis*

Massuel dos Reis Bernardi

**A COREOPOLÍTICA NA ORDEM ESCOLAR**

Nilópolis - RJ  
2016

Massuel dos Reis Bernardi

**A COREOPOLÍTICA NA ORDEM ESCOLAR:**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em linguagens artísticas, cultura e educação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ribeiro Gonçalves Brame

Nilópolis - RJ  
2016

B523c Bernardi, Massuel dos Reis.

A coreopolítica na ordem escolar / Massuel dos Reis Bernardi ; orientador: Fernando Gonçalves Ribeiro Brame. – Nilópolis, RJ: IFRJ, 2016.

60 f. ; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (pós-graduação) - Instituto Federal Rio de Janeiro - IFRJ, Programa de Pós – Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, 2016.

1. Coreopolítica. 2. Coreografia – formação de professores. 3. Coreografia - educação. 4. Formação de professores. 6. Arte - educação. I. Brame, Fernando Gonçalves Ribeiro, **Orient.** II. IFRJ. III. Título.

CDU 793.3:377.8

Massuel dos Reis Bernardi

## **A COREOPOLÍTICA NA ORDEM ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em linguagens artísticas, cultura e educação.

Data de aprovação: 30 de junho de 2016.

---

Prof. Dr. Fernando Ribeiro Gonçalves Brame (orientador)  
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

---

Prof. Ms. Edson Barros de Menezes  
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

---

Prof. Ms. Stella Alves Rocha da Silva  
Universidade Castelo Branco – UCB

Nilópolis – RJ  
2016

Dedico este trabalho aos que acreditam na possibilidade de mudanças através da  
sensibilidade do ser humano.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador professor Fernando Brame.

Ao parceiro Fábio Donato pelas incansáveis injeções de ânimo, ideias, comentários, apoios, forças e muitos eteceteras.

Ao contribuidor/provocador professor Tadeu Mourão por instigações específicas.

À colega e professora Stella Rocha por tantas trocas de ideia, sugestões, esclarecimentos e desabafos que tanto alimentaram este estudo.

À instituição pesquisada Instituto de Educação CIEP 179 Professor Claudio Gama.

Às parceiras artistas-docentes do IE CIEP 179: Bebel Barreto, Ana Cândida e Daice Maggi.

Aos alunos/futuros professores do IE CIEP 179 que foram o enfoque principal desta pesquisa e seus corpos como potências individuais e coletivas.

Às colegas Ana Cristina, Fátima, Rosa, Lucilla, Márcia e demais colegas professores do IE CIEP 179 que contribuíram muito com a busca dos dados e reflexões para este estudo.

Aos professores do IFRJ por tantas provocações e inspirações durante as disciplinas: Ângela Coutinho, Claudia Teixeira, Edson Menezes, Fernanda Piccolo, João Guerreiro, Jorge Caê, Renata Silêncio, Tiago Monteiro, Verônica Velloso.

Aos colegas de turma desta especialização, parceiros de jornadas e diálogos: Adriana Reis, Amanda Melo, Ana Caroline, Carla Eloi, Erica Viviane, Genilson Leite, Gilberto Hora, Marcelo Nogueira, Maria Aparecida, Mozileide Neri, Perla Cordeiro, Sluchem Cherem, Suzana Dias Vieira.

Aos funcionários do IFRJ por facilitarem trâmites administrativos do curso.

À Luíze Fernandes que gentilmente auxiliou na tradução do resumo e partilha comigo várias ideias sobre a dança, a educação e a rede estadual de ensino.

E a todas e todos que contribuíram direta e indiretamente para que eu me modificasse para esse olhar reflexivo sobre a arte e a educação.

*O que pode um corpo?*

*Baruch Espinosa*

BERNARDI, Massuel dos Reis. A Coreopolítica na Ordem Escolar. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2015.

## **RESUMO**

O estudo investiga o corpo do aluno (futuro professor do Ensino Fundamental) do CIEP 179 Professor Claudio Gama, Instituto de Educação de São João de Meriti na Baixada Fluminense, onde o autor é professor de Artes Cênicas. A proposta é problematizar as práticas artísticas como propulsoras de rupturas na ordem escolar. Essa base corporal investiga coreografias que se estabelecem e fazem entrar e sair às imposições disciplinares como apresentadas por Lepecki (2012). Para tanto, foram analisadas determinadas situações cotidianas da escola, bem como as aulas da disciplina de Arte, a fim de buscar o quanto os corpos dóceis (FOUCAULT, 2008) são conduzidos ou não à Coreopolítica (LEPECKI, 2012).

**Palavras chave:** Coreopolítica. Ordem. Arte-educação.

BERNARDI, Massuel dos Reis. A Coreopolítica na Ordem Escolar. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2015.

### **ABSTRACT**

The study investigates the body of the student (future basic education teacher) at CIEP 179 Professor Claudio Gama, institute of education from São João de Meriti in Baixada Fluminense, where the author teaches Performing Arts. The proposal is to discuss artistic practices as propellant of breaks in the school order. This corporal basis investigates choreographies that are established and make in and out to the disciplinary charges as presented by Lepecki (2012). Therefore, it was analyzed some everyday school situations, as well as Arts classes, in order to seek how the docile bodies (FOUCAULT, 2008) are conducted or not to Choreopolitics (LEPECKI, 2012).

**Key words:** Choreopolitics. Order. Art-education.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2. O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – CIEP 179 PROFESSOR CLAUDIO GAMA E O CURSO NORMAL</b>	<b>12</b>
2.1. AS AULAS DE ARTE NO IE CIEP 179	13
2.2. PERFIL DOS ALUNOS DO IE CIEP 179	16
<b>3. A COREOPOLÍTICA – RELAÇÕES CONCEITUAIS E AS PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO CORPO DOS ALUNOS DO CIEP 179</b>	<b>18</b>
3.1. A QUESTÃO CORPORAL	19
3.2. A QUESTÃO DA SEXUALIDADE	22
3.3. A QUESTÃO DA CULTURA VISUAL	23
<b>4. A ORDEM ESCOLAR – SITUAÇÕES LEVANTADAS</b>	<b>27</b>
4.1. A POSTURA	28
4.2. O UNIFORME ESCOLAR	33
4.3. DISCIPLINA E CONDUTAS IDEAIS	35
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>38</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>
<b>7. APÊNDICES</b>	<b>43</b>
7.1. INSTRUMENTOS DE PESQUISA	43
7.2. ENTREVISTAS	44
<b>8. ANEXOS</b>	<b>55</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se apresenta como um estudo sobre o corpo dos alunos/futuros professores do CIEP 179 Professor Claudio Gama – Instituto de Educação de São João de Meriti. Trata-se de uma escola de Ensino Médio da rede estadual do Rio de Janeiro com formação de professores de nível médio.

A partir do olhar sobre o corpo desses alunos, uma série de aspectos, após um ano de vivência dentro da escola, foram sendo identificadas e fundamentaram questionamentos a partir delas. Situações essas que indagam sobre exigências administrativas e da própria ordem escolar que podem ir de encontro à qualidade que se presa para seguir a carreira de professor com formação de nível médio. Essas situações ocorreram durante o ano de 2015 nas aulas de Arte onde o autor orienta aulas calcadas no corpo em relação às práticas com diferentes linguagens artísticas.

A partir do conceito de coreopolítica apresentado por Lepecki (2012), o estudo apresenta aspectos corporais da ordem em Foucault (2008). A partir desse norte, traçam-se as seguintes questões: O corpo dos alunos é conduzido por fatores da ordem escolar? Quais são esses fatores? As práticas artísticas interferem nesses corpos? De que forma?

Esses fatores partem de um princípio cívico em que os alunos são expostos a cada dia a situações como formação antes da subida para a sala, uso rigoroso de um uniforme, canto do hino nacional a cada segunda-feira letiva, disposição de mesas e cadeiras dentro e fora da semana de provas, e questões disciplinares rígidas.

Há ainda pontos específicos corporais da escola e perfil dos alunos de Ensino Médio em formação de professores como corporeidade<sup>1</sup>, gênero, sexualidade, e cultura visual pelo apelo estético massivo. Além de ser uma escola situada em São João de Meriti, cidade da Baixada Fluminense e seus aspectos contextuais geográficos.

Os alunos em maioria têm idade entre 14 e 18 anos, com um pequeno número sendo mais velhos, supostos de até 50 anos; em grande maioria do gênero feminino. Vale salientar que nem todos os alunos do CIEP 179 querem exercer a profissão de professor.

A pesquisa então vislumbra possíveis rupturas nas situações cotidianas escolares militarizadas que a prática artística pode impulsionar. Academicamente a ideia se alicerça pela incorporação dos conceitos edificada na observação dos corpos tanto nas práticas

---

<sup>1</sup> “[...] a corporeidade com toda a ideia de integração que a palavra pressupõe [...] a prática de compreender-se e fazer-se corporeidade, o difícil exercício de desfazer-se de dicotomias [...] abandono de dualismos, que pressionam nosso modo de ver o mundo dilacerado entre bem e mal, belo e feio, certo e errado, simétrico e assimétrico, profano e sagrado etc.” (ELIAS, 2011, p. 105)

artísticas quanto nas situações cotidianas da escola. Para tanto, essa proposta se encontra intimamente relacionada à complexa rede de aspectos envolvidos no dia a dia escolar e, a partir dela, podem se encaminhar negociações para as práticas disciplinares em sala de aula, e fora dela. A ideia é evidenciar as práticas artísticas como um lugar privilegiado de questionamento e de sensibilidade que não se encontra em outras práticas da escola em questão.

Por meio de uma pesquisa de campo sob abordagem quali-quantitativa na qual são levantados aspectos quantitativos sobre o perfil da escola (IE CIEP 179) e o perfil dos alunos a partir de um questionário. Através de entrevistas, são apresentadas uma análise qualitativa e algumas situações específicas selecionadas. Os instrumentos de pesquisa (questionário e roteiro de entrevista), bem como as entrevistas na íntegra são apresentados no final do presente trabalho.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/IFRJ). Os profissionais envolvidos nas entrevistas são: uma integrante da direção da escola; uma da coordenação pedagógica; uma da orientação educacional; e cinco alunas maiores de idade (18 anos ou mais). Foram entrevistadas somente alunas, porque os alunos não estiveram disponíveis ou eram menores de idade.

## **2. O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – CIEP 179 PROFESSOR CLAUDIO GAMA E O CURSO NORMAL**

O Instituto de Educação CIEP 179 é uma escola estadual de Ensino Médio do Rio de Janeiro localizada em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Lá, os alunos concluintes saem com o diploma de professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental I (até o quinto ano). A forma de ingresso dos alunos é por meio de matrícula como nas outras escolas estaduais. Porém, não é possível que se matriculem alunos oriundos de Ensino Médio regular (sem formação de professores) após o primeiro ano, somente de outros institutos de educação, por demandar uma formação específica com uma pesada carga horária de estágios nos três anos. Quando o aluno chega de uma escola regular em um ano sem cumprir os requisitos, ele fica em dependência das disciplinas e estágios.

As disciplinas são as mesmas de um Ensino Médio regular com carga horária diferenciada e com presença e ausência de algumas matérias<sup>2</sup>. As disciplinas tratadas nesse estudo se referem à Arte no primeiro e terceiro anos e Laboratório Arte-Educação no segundo ano com carga horária de 1h40min e 50min semanais respectivamente.

O quadro docente da escola é formado por professores da rede estadual, ou com matrícula (ingressantes por concurso público) ou por contrato geralmente na forma de GLP (gratificação por lotação prioritária) em complementação de horários na mesma ou em outra escola estadual.

A escola é de ensino integral, isto é, os alunos precisam disponibilizar manhã e tarde para se formarem professores. Os estudantes do turno da manhã possuem aulas regulares em alguns dias da semana à tarde (contraturno) que são obrigatórias. E os da tarde, vice-versa. No segundo e terceiro ano, a carga horária de estágio aumenta consideravelmente, então o aluno precisa não só frequentar as aulas, mas cumprir os estágios em seu contraturno conforme a agenda montada pelo professor de prática pedagógica de sua turma. Os estágios começam no primeiro ano com oito horas de observação e coparticipação em creches. No segundo e terceiro os estágios também são de observação e coparticipação divididas em dezesseis horas no segundo ano e vinte e quatro horas no terceiro ano. Porém, nos dois últimos anos há exigência da estruturação de um planejamento e ministração de uma aula de dez a vinte minutos sob observação de seu professor de prática pedagógica onde estuda.

Conforme a regulamentação das diretrizes do ensino nos IE (LDB 9.394/96) até a resolução 02/2015 do Ministério da Educação (MEC) o aluno formado professor de nível

---

<sup>2</sup> Vide grade curricular do Curso Normal em anexo.

médio poderá atuar como professor da Educação Infantil, Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Porém, está em pauta a revisão por parte da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ) uma discussão sobre a reformulação dos Cursos Normais. Estes cursos, previstos pela LDB 9.394/96 deveriam ser extintos. O fato é que em âmbito nacional há uma necessidade de formação desses professores que entrariam com formação superior em Pedagogia, que por sua vez carecem de práticas que a formação de nível médio oferece. Portanto, o que se discute é que o ideal seria que o professor da educação infantil e do Ensino Fundamental I tivesse uma formação mínima total de sete anos: três de Ensino Médio Normal e quatro de Ensino Superior em Pedagogia.

## 2.1. AS AULAS DE ARTE NO IE CIEP 179

As aulas da disciplina de Arte são componentes da grade curricular obrigatória (LDB 5.692/71). Porém, diferente de outras escolas de Ensino Médio regular, onde só há Arte no segundo ano, nos IE estão presente no primeiro e no terceiro anos.

De acordo com os “PCN Arte” (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998), o ensino de Arte no ensino básico deve contemplar quatro linguagens artísticas: artes visuais, dança, música e teatro. No caso de ser uma escola estadual (RJ), o concurso prestado para ingresso dos professores aceita quaisquer das quatro formações<sup>3</sup>. No caso do IE CIEP 179, há três professores da disciplina de Arte: uma com formação em artes visuais, um com formação em dança e outra com formação em teatro.

Em 2015 ficou acordado entre a direção/coordenação da escola e os professores de Arte que seria feito uma estratégia para contemplar as quatro linguagens e o aluno não ficasse com defasagem por não ter contato com alguma delas. O desafio é que a formação dos professores não comporta o que foi acordado. A saída, portanto, foi criar pontes entre as linguagens, que no caso do autor desta pesquisa são dança e teatro (nível técnico). Foi então que o aspecto corporal entrou como centro das propostas e se tornou base deste estudo.

Metodologicamente em 2015 e 2016 se estabeleceu a separação de cada uma das linguagens nos bimestres:

1º bimestre: Corpo + Artes Visuais

2º bimestre: Corpo + Música

---

<sup>3</sup> As formações em cada uma das linguagens já é bastante frequente no Brasil em Universidades públicas e privadas, tanto com formação em licenciaturas quanto bacharelados e até programas de pós-graduação específicos em cada linguagem. Isso expõe o atraso nos caminhos e conquistas políticas em cada uma das áreas, pois o ensino de Arte na educação básica deixou de ser polivalente com a LDB 9.394 de 1996.

3º bimestre: Corpo + Dança

4º bimestre: Corpo + Teatro

Nas **artes visuais**, há uma preocupação das práticas serem norteadas com base em obras artísticas contemporâneas contemplando um fazer, um contextualizar e um apreciar (BARBOSA, 1997), muito além do entender “o que o autor quis” com a obra.

Em artes visuais, entre outros artistas, é citado Marcel Duchamp (1887-1968) e sua obra “A Fonte”, na figura abaixo.



Figura 2.1 “A Fonte” de Marcel Duchamp. Foto do site Louge.

Em se tratando do restrito capital cultural (BOURDIEU, 2007) dos alunos, foi preciso explicar o que era uma galeria de exposição de arte. Depois dessa contextualização, começaram os estranhamentos com o porquê de um mictório estar lá. A questão de Duchamp, bastante polêmica, parte da pergunta: o que é arte? Algumas proposições sugerem que, pelo fato de estar em uma galeria exposta, sim, é arte, e também por estar fora do seu contexto utilitário, no banheiro para urinar dentro.

Ao trabalhar com **música**, o processo foi conduzido a partir do método “O Passo”, criado em 1996 pelo professor e músico Lucas Ciavatta. Na figura abaixo, fragmentos das folhas com tempo e contratempo para a prática musical.

*Lucas Ciavatta*

**e (contratempo)**

A		1	2	(3)	(4)		
B		1	e	2	(3)	(4)	

---

I		1	(2)	e	3	e	(4)	e	
		(1)	e	2	(3)	4			

Figura 2.2 Páginas editadas da apostila do método “O Passo” de Lucas Ciavatta.

Para Ciavatta (1996), a prática com “O Passo” se dá a partir de movimento com os pés à frente e atrás (um passo e seu retorno) com um pé de cada vez, contando até quatro a cada pisada no chão. Números sem parênteses se bate uma palma. A cada sinal da letra “e”, bate-se o joelho da perna que se move para o próximo passo. A partir dessas sequências, se pode compor as mais variadas frases rítmicas, utilizando diversos instrumentos, principalmente percussivos e a voz cantada ou falada.

Para trabalhar a **dança**, foi apresentado o conceito de “kinesfera” desenvolvido por Rudolf Laban (1879-1958), conforme a figura abaixo.

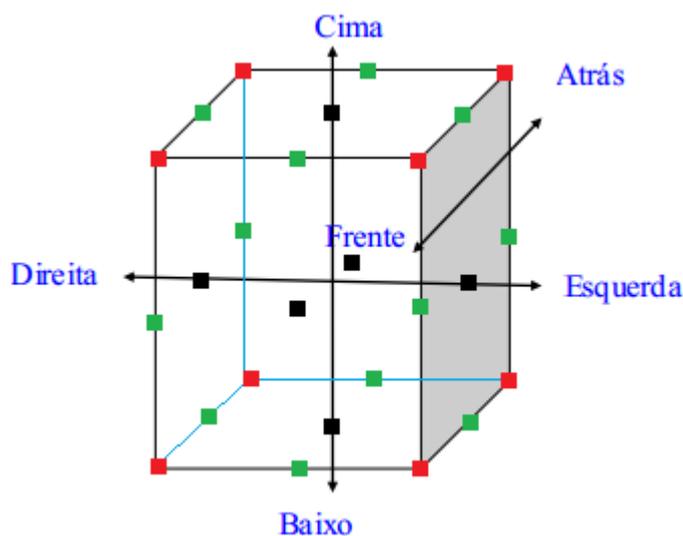


Figura 2.3 Kinesfera de Rudolf Laban.

Representada em formato de cubo para representação do conceito para os alunos. Ilustração minha.

O conceito de kinesfera (LABAN, 1978) representa os limites de ocupação do espaço de cada indivíduo, a partir de um ponto de apoio no centro do corpo. A proposta é que se estendam os membros superiores até alcançar a cada ponto marcado no cubo e criar movimentações a partir desses pontos.

E com **teatro**, a intenção foi trabalhar autores dramáticos de um movimento intitulado “Teatro do Absurdo”, criado no pós segunda guerra mundial. Trata-se de um tipo de texto teatral em que

“há elementos do ilógico na construção do enredo [...] como tentativas de expressar a busca de como enfrentar um mundo que se tornou desconexo, sem objetivo, absurdo” (BEHLE, 2010, p. 2806).

Essa abordagem tem sido interessante não só para que os alunos tenham contato com as linguagens, suas apropriações no corpo, mas na relação entre corpo e estudo de conceitos antes superficiais para o professor, no caso de alguns artistas-docentes (MARQUES, 2011) visuais e da música, por exemplo.

## 2.2. PERFIL DOS ALUNOS DO IE CIEP 179

Os alunos do IE CIEP 179 são, em maioria, meninas adolescentes que residem no município de São João de Meriti ou nas adjacências da Baixada Fluminense. A média de meninos é de dois alunos por turma. A escola possui, em 2016, cerca de 880 alunos divididos em 10 turmas de primeiro ano, 8 turmas de segundo ano, e 6 turmas de terceiro ano do Ensino Médio. As turmas têm em torno de 45 alunos cada. Em sua grande maioria são alunos adolescentes entre 14 e 18 anos em pleno processo de admissão de formas e conteúdos éticos, físicos e psicológicos. Há poucas alunas mais velhas que a faixa etária mencionada, com idade até 50 anos.

Para falar do perfil dos alunos, deve-se levar em consideração questões para além da escola e pensá-los seres em formação por uma gama de valores construídos política, histórica, cultural, social e economicamente.

[...] a conexão entre o mundo da dança e o espaço fora da sala de aula, para que o espaço do ensino de dança não seja uma forma de escapar do mundo, mas um lugar para entendê-lo e para entendermos a nós mesmos. (MARQUES, 2011, p. 102)

As palavras de Marques (2011), reconfigurado o ensino de dança para o ensino geral, aponta para que se estabeleça um espaço de vivências e construção cognitiva não só do ponto de vista educacional, mas da própria vida.

O IE CIEP 179 sob sua administração atual tem uma característica do que se conhece por escola tradicional<sup>4</sup>, onde os alunos, além da formação de professores, são submetidos a um rigor da ordem que se edifica em seus corpos pela exigência que são submetidos. Para tanto, questões que saltam aos corpos dos alunos muitas vezes vão de encontro ao que a escola exige do ponto de vista disciplinar. Ora, se está falando de adolescentes moradores da

---

<sup>4</sup> “Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado [no caso, séc. XIX], no momento em que, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática.” (SAVIANI, 1991. p.54)

Baixada Fluminense. Há de se tocar em aspectos muito arraigados por suas memórias e valores daquele local específico. Além de aspectos geográficos, muitos valores são profundamente norteados a partir da cultura de massa<sup>5</sup> e se evidenciam com as práticas artísticas na escola. Essas práticas problematizam de que forma podem ser trabalhadas na escola com menor caráter de entretenimento e mais envolvimento e profundidade de pesquisa artística. Um exemplo pode ser considerado em relação aos hábitos culturais dos alunos. Segundo eles mesmos, vão muito ao cinema, mas pouco frequentam museus e centros culturais. Mesmo a cidade de São João de Meriti possuindo vários espaços culturais e apenas um cinema no shopping da cidade.

---

<sup>5</sup> “[...] cultura caracterizada como objeto de consumo, de modo a possibilitar nos anos 1940 que ele [Adorno] elaborasse, juntamente com Horkheimer, o conceito de indústria cultural como lócus essencial para compreender a cultura de massa e o engodo da técnica na sociedade moderna.” SANTOS, 2014, p. 26)

### 3. A COREOPOLÍTICA – RELAÇÕES CONCEITUAIS E AS PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO CORPO DOS ALUNOS DO CIEP 179

Este capítulo trata de reflexões sobre alguns aspectos que mais evidenciam culturalmente os corpos dos alunos do IE CIEP 179. Esses aspectos traçam perspectivas em diálogo com conceitos e suas relações com as práticas artísticas na escola. Coreopolítica, para Lepecki (2012) exemplifica-se no espaço urbano em

mover os cidadãos: separam grupos, empurram indivíduos, ordenam outros para se deslocarem de um lado para outro, isolam e param e voltam a deslocar os transeuntes. Entre divertidos e contrariados, a verdade é que todos, por fim, acabam por obedecer às ordens de comando. Quando um policial diz que é para circular, ou ir para algum lugar específico, ou apenas para sair da sua frente já, sua fala opera como um efficientíssimo comando coreográfico: o movimento correspondente é imediatamente executado, do melhor modo possível. [...] a coreografia articula as políticas invisíveis que tecem o dia a dia de todos nós. (p. 52)

Desse modo, a comparação com a mobilidade desses corpos se relaciona fortemente com as situações vivenciadas pelos alunos no IE CIEP 179. Para ampliar a discussão e esmiuçar o conceito de coreopolítica, relaciona-se a coreografia<sup>6</sup> como norteadora da discussão.

De modo sucinto, para Hewitt, “coreografia” nomeia não apenas o modo como a dança reflete, manifesta ou expressa determinada ordem social, mas nomeia igualmente o princípio teórico articulando os elos entre práticas artísticas, sociedade e política. [...] Coreografia não deve ser entendida como imagem, alegoria ou metáfora da política e do social. Ela é, antes de tudo, a matéria primeira, o conceito, que nomeia a matriz expressiva da função política – função essa que Hewitt (2005, p. 11) define como “a disposição e a manipulação de corpos uns em relação aos outros. (LEPECKI, 2012, p. 46)

O conceito de coreopolítica neste estudo, portanto, está diretamente relacionado aos caminhos e coreografias compostas pelos corpos dos alunos do IE CIEP 179 em relação a diversas situações deflagradas na escola. Trata-se de política, no sentido em que o corpo age como condutor de atitudes que alteram ou interferem no que diz respeito a um grupo de pessoas.

Para muitos alunos trabalhar o corpo não só pode ser uma prática inusitada, incômoda e estranha, como também algo que não seja muito praticado por esses alunos, pois muitas

---

<sup>6</sup> A palavra coreia (*χορεία*) significa uma dança grega dançada em círculos e acompanhada por canto. Do grego *chorus* (círculo) e *graphe* (escrita, representação), fundamenta-se a palavra coreografia (FARO, 1989). O elemento círculo é uma referência às danças circulares e à orquestra, local onde o coro teatral grego dançava. Coreografar, portanto, é desenhar o espaço com o movimento corporal.

escolas não têm esse tipo de abordagem, tampouco é feito por eles em outros espaços. Trabalho como a postura, exercícios rítmico-corporais e vocais, por exemplo, expõem os alunos muitas vezes de forma desagradável para eles pelo lugar incomum dessas práticas.

### 3.1. A QUESTÃO CORPORAL

Tendo como princípio de estudo o corpo em um emaranhado constituinte da corporeidade dos alunos do IE CIEP 179, parte-se

de uma exposição, de uma descrição pura e simples das técnicas do corpo. Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. (MAUSS, 2003, p. 1)

Portanto, esse “servir-se” do corpo oferece aspectos que estão apropriados corporalmente e que nem sempre se dá conta, mas reproduzem a partir do que é reconhecido pelos outros ao seu redor. No caso dos alunos adolescentes do Curso Normal do Instituto de Educação de São João de Meriti, as técnicas corporais ali presentes mostram indícios fortes de valores aceitos pelas pessoas que os rodeiam e que estão par e passo com seus aspectos intrínsecos. Para Mauss (2003), “Toda técnica propriamente dita tem sua forma. Mas o mesmo vale para toda atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios.” (p. 3). Essa incorporação da sociedade em questão, no caso da Baixada Fluminense, reflete atitudes e qualidades gestuais com que os alunos tratarão suas práticas corporais, seja na escola ou fora dela.

Há ainda uma questões específicas da faixa etária, que

tanto para os homens como para as mulheres, o momento decisivo é o da adolescência. É nesse momento que eles aprendem definitivamente as técnicas do corpo que conservarão durante toda a sua idade adulta. (MAUSS, 2003, p. 13)

Os aspectos inerentes à adolescência também explicitam corpos em constante instabilidades. Essas instabilidades em contato com outros corpos muito diferentes entre si, com memórias e vivências díspares, interesses e inquietações múltiplas refletem diretamente em suas técnicas, analisadas mais esmiuçadamente a partir de agora.

Alguns exemplos estão na característica de objetos externos incorporados ao corpo e que o tornam modificado, como: *piercings*<sup>7</sup>; cabelos em cortes diversos e cores não naturais<sup>8</sup>, *dreads*<sup>9</sup>, laços, e outros acessórios. Ao acompanhar os discursos sobre a utilização desses elementos, muitas vezes aparecem relatos de imitações ou de gosto aproximando o que veem na televisão, em revistas, ou pela própria valorização comum dentro do mesmo grupo de amigos.

Esses "hábitos" variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição. (MAUSS, 2003, p. 4-5)

Então, a prática dessas utilizações reflete no papel do professor em questionar determinados valores e apropriações. Assim como problematizar discursos do senso comum onde não se dá conta que são meramente reproduzidos sem considerar os próprios desejos e anseios.

Junto disso, a prática pedagógica em um espaço educacional de formação de professores envolve responsabilidades que não são meramente didáticas, mas de um espelhamento no que o professor julga determinadas atitudes, também atravessadas pelo corpo. Uma escola com esse perfil exige, de certa forma, um amadurecimento precoce no sentido de dar conta de assumir uma turma de crianças dentro de poucos anos.

A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. (MAUSS, 2003, p.5)

---

<sup>7</sup> “Peça metálica, ou confeccionada em ouro, de tamanho, aspecto e forma variável, utilizado como enfeite que se prende ao corpo através de um orifício feito na língua, no umbigo, na pele etc.” Disponível em <http://www.dicio.com.br/piercing/>. Acessado em 15 maio 16.

<sup>8</sup> Naturais aqui empregado no sentido de que biologicamente nenhum ser humano teria uma cor de cabelo como essas.

<sup>9</sup> “O *dreadlock* é um tratamento capilar onde mantém-se um conjunto de fios emaranhados, permitindo que cresçam juntos de forma cilíndrica, formando uma espécie de corda. O cabelo de pessoas que aderem ao estilo lembra um conjunto de cordas.”

Disponível em <https://www.significadosbr.com.br/dread/>. Acessado em 15 maio 16.

Mas como pensar na carga de responsabilidade envolvida, se nem o próprio adolescente conhece bem o seu corpo? Há um complexo comportamental que se vivencia na escola com seus professores, responsáveis e que se tenta levar a diante pela credibilidade ou não das atitudes.

Adentrando no trabalho artístico praticado nas aulas de Arte, há muitas intersecções com o que Mauss (2003) apresenta. Os processos artísticos praticados nas referidas disciplinas não visam a predominância de um objeto artístico final. O processo de criação é o enfoque do trabalho. E como a própria palavra processo mostra, “Eis aí, de forma evidente, como uma habilidade manual só se aprende lentamente.” (MAUSS, 2003, p. 3) Manual no sentido de artesanaria, de envolvimento corporal no que se faz, é que se dão as práticas artísticas. Em contrapartida para que esse tipo de proposta possa ser executada, alguns aspectos precisam ser exigidos e que fogem ao que estão acostumados a vivenciar na escola. Tirar o sapato, colocar-se de pé em postura neutra<sup>10</sup>, exercitar o corpo e a voz, praticar jogos que envolvem esse corpo, olhar nos olhos dos outros, etc.

A prática que foge ao que mais se encontra dentro do IE CIEP 179 (alunos sentados em suas cadeiras junto a mesas individuais ou em duplas, e à sua frente e um professor conduzindo a aula) causa estranhamento por não ser algo comum. Conforme o exemplo:

vedes isso em minha postura sentada e em minha voz, e me escutais sentados e em silêncio. Temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. Assim, atribuiremos valores diferentes ao fato de olhar fixamente: símbolo de cortesia no exército, de descortesia na vida corrente. (MAUSS, 2003. p. 8)

Analisar esses corpos por suas técnicas pode fazer compreender determinados fatores indissociáveis a outras instâncias de memórias e convívio social, muito além da mera observação.

---

<sup>3</sup> Postura neutra se refere à posição anatômica com qualidade expressiva. Pés paralelos entre si na linha dos ossos íliacos, coluna ereta respeitando as curvaturas anatômicas (eixo), braços ao longo do corpo e olhar fixo à frente. Será falada mais profundamente no próximo capítulo.

### 3.2. A QUESTÃO DA SEXUALIDADE

Do ponto de vista de gênero, tratam-se de alunos em grande maioria mulheres. Há incidência significativa declarada de homossexuais homens e mulheres. Essa declaração intencional pode ser interpretada pela necessidade de autoafirmação identitária.

Esses corpos são, em sua grande maioria, adolescentes em pleno processo de admissão de formas e conteúdos éticos, físicos e psicológicos. Em princípio, a saída da infância marca uma diferença corporal apontada por Foucault (1999):

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapan os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência. (p. 10)

Sob essas ideias, vê-se que a sexualidade, que é um dos mais interferentes fatores no corpo do adolescente, se manifesta de muitas formas, diferente da criança, e traz consigo também uma relação de ordem. Ordem esta que está presente em aceites e pertencimentos a determinados grupos e ideologias do seu entorno.

O essencial não são todos esses escrúpulos, o “moralismo” que revelam, ou a hipocrisia que neles podemos vislumbrar, mas sim a necessidade reconhecida de que é preciso superá-los. (FOUCAULT, 1999, p. 27)

Em se tratando de normalistas da Rede Estadual do Rio de Janeiro, há uma série de questões que podem ser consideradas como provocadoras inconscientes da sexualidade. Isso reflete os interesses de acordo com um pertencimento a padrões determinados e bem aceitos socialmente, bem como na valorização estética a partir de um emaranhado de qualidades e combinações que edificam esses corpos.

O que se poderia chamar de discurso interno da instituição – o que ela profere para si mesma e circula entre os que a fazem funcionar – articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente. Mas ainda há mais: o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do séc. XVIII – e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral – um problema público. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. (FOUCAULT, 1999, p. 30-31)

Em diálogo com o que Foucault (1999) apresenta, vê-se que as questões são bastante atuais ainda. O que faz pensar sobre o quanto os valores e pensamentos mudaram, ou pouco mudaram, a partir do século XVIII, não só na escola mas para além dela. A sexualidade em meio a essa “evolução” ainda carrega uma visão separatista na memória e nas práticas de alunos, professores, famílias e até de algumas clínicas. No caso do IE CIEP 179, a fala sobre as vestimentas e trocas de roupas da orientadora educacional (problematizada no próximo capítulo) mostra como isso é forte dentro da escola. O fato é que historicamente se considera que ainda levará tempo até que algo de fato provoque modificações que considerem a sexualidade a favor de uma prática educativa, em vez de repressiva, menor, feia, tabu e dentre outros aspectos da convivência humana.

### 3.3. A QUESTÃO DA CULTURA VISUAL

As práticas corporais trabalhadas nas aulas de Arte na escola colocam os alunos em um lugar de visibilidade. Diferente de estarem sentados às mesas prestando atenção no “professor que explica a matéria na frente da sala de aula”, o que acontece na maior parte das disciplinas da escola. Quando é solicitado que levante, e se coloquem no espaço de outra forma, principiam várias questões a serem desdobradas complexamente dialogando com o próprio posicionamento de cultura visual. A partir de

uma concepção inclusiva que torna possível a incorporação de todas as formas de arte e design ou fenômenos visuais relacionadas com o corpo e tradicionalmente ignorados pelos historiadores da arte e do design [colocando em relação] a virtualidade implícita no visual com a materialidade própria da palavra cultura. (MARTINS, 2007, p. 25 apud GUASCH, 2003, p. 14)

Esse ignorar dos historiadores (GUASH, 2003) pode se relacionar com o ignorar dos alunos para aspectos do seu próprio corpo em relação à postura, conexões ósseas, concentração, etc., enquanto valorizam exacerbadamente outros aspectos corporais estéticos do ponto de vista social. Isto é, os padrões de beleza construídos e aceitos socialmente, o que consomem e como se comportam é que de fato para ele têm mais valia.

Em se tratando de normalistas da Rede Estadual do Rio de Janeiro, há uma série de aspectos que podem ser considerados como provocadores inconscientes da valorização visual.

O próprio uniforme<sup>11</sup>, padrão de camisa, saia de pregas, meias três quartos e sapatilha (no caso das meninas) é algo que está colado ao corpo e que faz com que esse corpo adquira uma forma, além de se caracterizar um visual apelativo e visto diariamente.



Figura 3.3 Uniforme de normalista da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.  
Fotos do site da loja ABIJ uniformes escolares.

Então, não é à toa que ao adentrar nas salas de aula com muitas alunas adolescentes se encontre em meio ao material didático espelhos, escovas de cabelo, revistas estéticas e maquiagem de maneira vasta e diversa. O que aponta para interesses de atender/pertencer a esses padrões visuais construídos e estabelecidos socialmente.

Ser exceção se relaciona a um pertencimento de padrões determinados e bem aceitos socialmente, bem como a valorização estética a partir de um emaranhado de qualidades e combinações que edificam esses corpos. O que para os alunos é considerado belo, no sentido de beleza física, e que muitos tentam incontrolavelmente encaixar-se, para que o olhar do outro o julgue bonito.

A cultura visual discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura. [...] Nesse espaço, as relações se reconstruem a partir de circunstâncias, de

---

<sup>11</sup> Mais questões sobre o uniforme serão desenvolvidas no próximo capítulo.

informações e posições de sujeito que configuram o olhar. Como sabemos, o olhar sempre está transpassado por condições e referentes que se superpõem, tais como: classe, raça, idade, estilo de vida, preferências sexuais e muitas outras. Via olhar, essas relações embebem (contaminam) o espaço da imagem com informações, preconceitos, expectativas e pré-disposições, transformando-o em espaço de interseção, de interação e diálogos com subjetividades e, por isso mesmo, passível de sugerir e influenciar reposicionamentos sócio-simbólicos e, inclusive, repulsa. (MARTINS, 2007, p. 26)

Dessa forma, apela-se por atender a esses padrões podendo preconizar embates entre o que vê no outro transpondo para o seu próprio corpo. Por exemplo, durante uma aula foram ouvidos os seguintes comentários feitos por duas alunas:

-Ela tem namorado?

-Tem!

-Nem parece, né?

Esses comentários foram feitos durante um exercício de ritmo e voz, onde a aluna a quem se referem está em exposição, pois era a sua vez de executar o movimento e a fala requerida pelo exercício.

Pela fala das duas colegas sobre a outra, percebe-se que há classificações evidentes pela cultura visual e, talvez, algumas outras informações que perceberam em outro momento da colega, e que, não satisfeitas, extravasaram pela fala por um desejo de partilha para “contaminar” o outro.

Outro aspecto relevante se dá por conta do realismo e a verossimilhança introjetados pela linguagem televisiva e cinematográfica das artes de massa, bem como padrões estéticos, na maioria das vezes, ligados ao sentido visual. Quando se propõe algo que fuja a esses padrões, torna-se um grande desafio, um estranhamento abismal. Talvez porque a prática corporal, pelo viés cênico da exposição, pode incorporar outros sentidos além da visão como protagonistas. Nessa combinação, os exercícios corporais concentram não só a exposição de quem está executando, mas todo o complexo classificatório de quem observa.

Há ainda elementos da cultura visual nos quais imperam as ideologias padronizadas pela cultura de massa e da indústria da beleza veiculada por meios de comunicação e pela internet. Essa construção de beleza histórica manifesta de maneira imperativa nas questões trabalhadas nas artes que ficam em torno do “bonito X feio”, o que raramente é o enfoque das práticas artísticas na escola.

O que torna ainda mais interessante é que

esse diálogo acontece em múltiplos campos de recepção, em diferentes circunstâncias, tempos históricos e culturais e que as imagens mudam de significado quando muda o entorno ou contexto em que são veiculadas. (MARTINS, 2007, p. 28)

Portanto, os comentários das alunas citados acima foram um dos inúmeros casos em meio a tantas e tamanhas redes de pensamento geradas a partir da simples exposição do corpo em um exercício corporal.

Enfim, as reflexões desse capítulo podem impulsionar ainda mais a problematização do corpo pelas práticas artísticas na escola, a fim de romper com pré-conceitos e classificações. A partir de questões como a cultura visual, gênero e sexualidade, estabelecer pontes de transposição do que se observa nos conceitos para além da estética e seus desdobramentos.

No caso da escola, explorar a potência presente ao se evidenciar o corpo em cena como prática artística, pode ser um caminho que possa fazer o aluno experienciar entre os dois lugares: do aluno adolescente e do ser professor. Um lado que carrega essas inúmeras referências estéticas de um corpo belo e aceito, e do outro um corpo contido que exige uma responsabilidade representativa do professor “maduro”. Porém, esses valores, principalmente no caso do “ser professor”, são reflexos, muitas vezes, do que a escola exige acreditando cumprir seu papel ao reprimir e proibir.

#### 4. A ORDEM ESCOLAR – SITUAÇÕES LEVANTADAS

O segundo conceito trabalhado nesta pesquisa foi a ordem escolar a partir do que Foucault (2008) apresenta como “corpos dóceis”. Essa reflexão parte de aspectos disciplinares, onde

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 2008, p. 119)

Nessa perspectiva, são apresentados dados sobre algumas situações do IE CIEP 179 que tratam pontualmente dos corpos dos alunos e suas relações. Relações imersas em determinadas situações, nas questões disciplinares da escola e em práticas artísticas. Parte-se do pressuposto em que as aulas de Arte podem agir de encontro ao que se considera imposição dessa ordem escolar. Como se dão esses caminhos e como as práticas artísticas interferem ou não, são argumentos problematizados no decorrer deste capítulo.

As situações pesquisadas foram selecionadas a partir de um ano de observação no IE CIEP 179 pelo autor deste estudo, professor de Arte no mesmo espaço. São algumas delas:

- formação em fila por turma no pátio todos os dias antes da subida para a sala de aula;
- rigidez disciplinar de normas da escola contendo termos de compromisso para alunos e professores e contratos para cada disciplina<sup>12</sup>;
- canto do hino nacional em formação a cada segunda-feira letiva;
- uso rigoroso de um uniforme, sendo que nas segundas feiras é obrigatório o uniforme de gala, diferente do regular;
- semana de provas ao final de cada bimestre, sendo exclusivamente para aplicação de provas teóricas;
- não disponibilização de sala sem mesas e cadeiras para atividades corporais.

Percebe-se que exemplos como estes trazem fortemente propostas coreográficas mesmo ainda na teoria. Isto é, no que diz respeito à burocracia escolar, há documentos como os termos de compromisso de aluno e de professores, e o contrato de cada disciplina. Essa relação contratual coloca o aluno sob condições que, antes de entrar em sala de aula, sua relação com a prática escolar é direcionada. A formação em filas diariamente antes da subida e o canto do hino nacional a cada segunda-feira letiva também são exemplos explícitos de coreografias ditadas pelas regras da instituição.

---

<sup>12</sup> Documentos disponíveis nos anexos.

#### 4.1. A POSTURA

De acordo com as situações observadas no IE CIEP 179, foram coletados dados a partir de entrevista onde algumas palavras da diretora da escola definem o que considera uma conduta ideal do aluno. Para ela, aspectos relacionados à postura tanto do professor quanto do aluno são fundamentais para esse ideal de conduta. Em entrevista com a orientadora educacional,

a gente vê como ele senta, primeiro, se ele olha nos nossos olhos, [...] às vezes o aluno vem falar com a gente e fica se sacudindo, já demonstra assim, às vezes um desdém, então a gente faz toda essa leitura desse corporal dele, além do que ele fala.

Considerando que a postura envolve, então, não só a posição anatômica do aluno no espaço, mas outras esferas.

A teatralidade institui-se a partir de uma manipulação do espaço-tempo, um recorte, uma suspensão, um destaque, uma condensação ou intensificação, enfim, a busca de um espaço-tempo singular. Neste lugar, o percurso de criação do ator requer um estado cênico de constante metamorfose. É no seu corpo que o ator negocia o seu fazer artístico, na busca de colocar um outro no lugar de si. Em cena faz surgir uma existência eminentemente poética a qual poderíamos chamar personagem, persona, papel... (MACHADO, 2016)

Ao transpor qualidades de um corpo cênico trabalhadas em sala de aula, percebe-se que há apropriações de termos mesmo sem conhecimento dos conceitos, pela própria observação do corpo dos alunos. O que chama atenção, então é que a teatralidade perpassa, não só as aulas de arte, como também está entre o ver e ser visto. Isto é, ator e espectador. Ação cênica e seu público. Confirma-se essa apropriação da teatralidade empírica, a partir do discurso da orientadora educacional:

Tem muitos que se fazem de vítima. [...] uma menina veio falar comigo assim, numa atitude de vítima, com aquele olho vermelho, a vizinha baixa. Quando ela voltou com uma amiga, ela voltou totalmente diferente [...] com um tom de voz mais elevado, o olhar já era diferente, ela já estava mais ereta, e o tom de voz bem diferenciado. [...] Então a gente faz toda essa avaliação, a questão da postura, da fala, o tom de voz, as expressões... (orientadora educacional)

Neste relato, percebe-se que a avaliação aprofundada em aspectos referentes à postura não só dizem respeito à ordem disciplinar, mas de um estudo sobre situações dos alunos e como eles se relacionam com essas situações. Cabe ainda uma perspectiva relativista do que

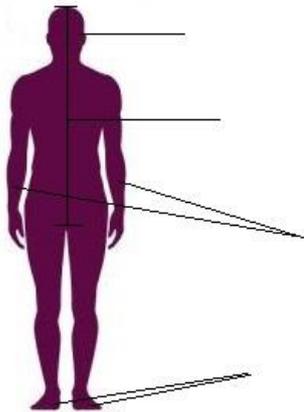
ela viu em relação às imposições de comportamento por meio do relato, mesmo que o objetivo maior seja o retorno ao que se considera a conduta ideal após a situação específica.

Há considerações sobre o contexto familiar do aluno em avaliação simultânea em situações nessas esferas.

Para tanto, a partir dessa postura presada pela administração da escola, são traçadas reflexões a partir desses “corpos dóceis” (FOUCAULT, 2008) que precisam se encaixar nesses ideários. Caso isso não aconteça, serão punidos com advertência ou outras maneiras que a escola determinar. Percebe-se isso a partir do que a orientadora educacional considera como a conduta ideal de um aluno, uma

conduta respeitosa com o outro, [...] não ser agressivo verbalmente, [...] esnobar o outro, isso com professor ou com aluno ou funcionário. [...] a questão disciplinar, nós aqui temos algumas regras. E aí, quando o aluno vem pra levar uma advertência, ele normalmente questiona: mas que advertência é essa? Eu coloco: é um documento legal que a gente faz aqui pra assinar pra eu observar o seu comportamento ao longo do ano. [...] Se você levou uma advertência porque não trouxe a carteirinha num dia, ela tem um peso. Ela é uma advertência? Ela é uma advertência. [...] Isso aí é um dado que eu tenho registrado pra poder continuar te observando. [...] A gente tem um regulamento muito, muito, muito rígido, e a gente sempre faz as aplicações de advertência de acordo com o regulamento. [...] E aí tem os procedimentos, que nos casos mais sérios, quando o aluno tem reincidência [...] a gente começa a avaliá-lo e tomar outras posturas.

A palavra postura é bastante citada nas entrevistas, tanto pelas equipes da escola, quanto pelos próprios alunos. Segundo a própria orientadora educacional, ao se falar de postura é feita uma leitura corporal do aluno envolvido em alguma situação que fuja às regras da escola. Essas “posturas” citadas podem ser relacionadas ao que é trabalhado nas aulas de Arte como postura básica para o trabalho corporal no que consiste à anatomia do corpo do aluno. Então é relacionado diretamente o que essa corporeidade assume e experiencia nas aulas de Arte para ter leituras diversas, inclusive frente à Orientação Educacional, por exemplo. Para que se tenha uma compreensão do que é trabalhado como base da postura corporal, é necessário elucidar como esse corpo ganha qualidade para desdobramentos expressivos. Parte-se do estado de neutralidade (LECOQ, 2010) onde a posição anatômica do corpo se coloca na base de pés, da seguinte forma:



o olhar em um ponto fixo à frente;

o eixo do corpo como uma linha imaginária que atravessa toda a coluna vertebral fazendo crescer alguns centímetros;

os braços soltos ao longo do corpo;

pés paralelos alinhados às duas cristas ilíacas.

Essa estrutura do corpo se torna a base para o trabalho artístico, pois segundo Lecoq (2010), “Quando o aluno sentir esse estado neutro do início, seu corpo estará disponível, como uma página em branco, na qual poderá inscrever-se a ‘escrita’ do drama”. (p. 69)

Esse silêncio que sugere a neutralidade é fundamental para que o corpo reconheça a si mesmo naquele dia, naquele instante. A partir daí, então, pode-se desenvolver expressivamente um trabalho cênico em diálogo com essa passagem do corpo em estado de atenção, estado de prontidão que passa da neutralidade à uma expressividade baseado em um corpo em estado de potência.

Contra a ideia de corpos autônomos, rígidos e acabados, o corpo cênico se (in)define como campo e cambiante. Contra a noção de identidades definidas e definitivas, o corpo-campo é performativo, dialógico, provisório. Contra a certeza das formas inteiras e fechadas, o corpo cênico dá a ver “corpo” como sistema relacional em estado de geração permanente. (FABIÃO, 2010, p. 322)

Portanto, esse corpo que irá preceder a atividade artística é o mesmo corpo que se apropria de aspectos da neutralidade frente às situações encontradas na escola. Em relação à ordem escolar, observa-se que o sentido punitivo está bastante arraigado nos discursos. “Tudo depende do comportamento dele ao longo do ano, da postura dele.”, diz a orientadora educacional.

Um exemplo claro se encontra na situação da formação em fila antes de subir. A diretora afirma que os alunos precisam estar enfileirados

[...] para justamente saber qual é a turma, [...] ter um certo critério, porque vão trabalhar com Ensino Fundamental. Você também não pega alunos de Ensino Fundamental aleatoriamente e manda subir pra sala, você tem que formar e subir com eles. [...] aí eles já começam a [...] criarem certas regras.

Retornando ao conceito que embasa a ordem escolar, a diretora do IE CIEP 179 considera que os alunos devem estar em ordem “na hora do hino nacional toda segunda-feira com uniforme de gala e em eventos.”, isto é, quando ela está sob o comando dos alunos. Uma vez que sob observações do que se define como postura administrativamente na escola, quando uma autoridade se coloca e exige disciplina diante dos alunos, ali se considera que devem ter postura, fiquem calados prestando atenção no que querem que eles façam. Portanto, considera-se evidentemente uma coreopolítica (LEPECKI, 2012) instituída por uma ordem claramente edificada nos corpos. E o que se verifica é que essa edificação da ordem é transferida, no caso, da equipe administrativa da escola para os alunos pelas cobranças e ameaças. Ao exigir essa disciplina, estão disciplinando (adocicando) o corpo pelo que Foucault (2008) critica. Essas atitudes, apesar de produzir efeitos morais, propiciam repressões que cada vez mais levam os corpos a um caminho de dominação. Então, as perguntas feitas são: o que sobra desse corpo? Como ficam os corpos na escola sob um comportamento ditado dessa forma?

Esses processos de corporificação [...] implicam vínculos significativos entre os sujeitos e o tempo, o espaço, os objetos, os valores, as normas, os jogos, as práticas pedagógicas, o currículo, enfim, com tudo o que constitui a cultura escolar a ser internalizada pela criança sob a forma da “des(ordem) escolar”. (MENDES e MILSTEIN, 2010, p. 17)

Há que se reconhecer que o rigor apresenta efeitos produtivos em diversos aspectos. Porém, o desafio está em equilibrar até onde a exigência na escola é produtiva e até onde ela é aprisionadora, uma vez que a autoridade tem o poder de ordenar, e esses poderes têm efeito imediato sobre os corpos (Foucault, 2008).

Para ultrapassar essa disciplina repressiva, seria necessário dar espaço para que professores reconhecessem isso em seus corpos, e assim pudessem levar para os alunos de outra forma. Além disso, o experienciar do corpo por outras vias, que não só pelo entendimento racional, podem auxiliar nessas liberdades. Ao promover experiências diferentes do entender racional, os professores ultrapassariam ordens do tipo: alunos precisam de hora para aprender, hora para lanchar, hora para lazer, hora para ir ao banheiro, por exemplo; mas perceberiam pelo corpo que são corporeidades diversas, carências, necessidades, angústias e saberes do corpo que não são necessariamente funcionais e diretivos como as ordens que recebem. Essa “ordem escolar”, o reconhecimento do que fica nos corpos, dependendo de como são encaradas as práticas do educar, passam por aspectos de

construção social do corpo dos indivíduos e de seus modos adequados de atuar segundo suas posições e papéis, em uma relação de poder. (Mendes e Milstein, 2010)

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar “disciplinas”. (FOUCAULT, 2008, p. 118)

Retornar à ideia de corpos dóceis (Foucault, 2008) nos faz refletir que a ordem e a disciplina estabelecem comportamentos pelo corpo que ficam presos e, mediante um aceite e utilidade social, engessam atitudes que o próprio corpo não toma conhecimento de estar ou não à vontade. Isto é, não há espaço para que os sujeitos percebam se querem ou não, se sentem à vontade ou não, ou sequer sabem para quê agem de forma disciplinada.

Em relação ao IE CIEP 179, há uma interferência nesse sentido, pois a hiperautoridade imposta pela direção da escola propicia comportamentos ditados de acordo com as suas vontades. Ao falar sobre um professor ideal com base em aspectos disciplinares, a diretora da escola diz que todos de sua escola são ideais, mas também que “quando [algum] não é, pede pra sair ou eu tiro.” Essa ameaça pode gerar um medo que paira outras esferas da escola em relação aos professores. Segundo a coordenadora pedagógica,

[...] tem coisas que na pedagogia tradicional que não se aplica. Porém, a gente vê que no passado os professores era [sic] mais respeitados e *hoje em dia você vê [...] alunos novos, adolescentes querendo falar com um professor, que é uma autoridade dentro da sala de aula, de igual.* [...] Quando você numa sala de aula com uma postura, [...] sem muita brincadeira, tal, eu acho que o aluno vai pensar duas vezes antes de fazer, vamos dizer assim: graça [...] na aula dele. (grifos meus)

Existe a sugestão de que a autoridade em sala de aula deve ser extremamente respeitada, e que se considera absurdo quando a relação entre aluno e professor se iguala. A coordenadora também conduz um discurso de como o professor deve agir em sala direcionando a resposta em relação à conduta desse professor. Em vez de conceituar a conduta de um professor ideal, ela exemplifica de forma a contribuir com coreografias entre professor e alunos em sala de aula de forma autoritária. Este exemplo evidencia uma coreopolítica (LEPECKI, 2012) no sentido do professor como detentor de poder que pode ordenar sua classe a se calar, sentar-se, e obedecer-lhe.

## 4.2. O UNIFORME ESCOLAR

Outra situação bastante problematizada na escola e por este estudo é o uniforme escolar. O IE CIEP 179 possui um uniforme para os alunos e estes são bastante cobrados, não só pelo uso, mas pelas condições que se apresentam. Segundo a orientadora educacional, o uniforme “serve para padronizar realmente, [...] ele coloca todos no mesmo nível. [...] ele vai uniformizar esses alunos.” Os alunos, “[...] tem a identidade deles, mas a questão do uniforme padroniza a todos.”

Há dois tipos de uniforme para meninos e meninas. O uniforme compreende as seguintes peças:

Tabela 4.1 Descrição dos uniformes utilizados pelos alunos no IE CIEP 179

Uniforme Regular:	Feminino:	Masculino:
	Camisa branca social de manga curta com bolso e botões.	Camisa branca social de manga curta com bolso e botões.
	Saia de tergal com pregas azul marinho com comprimento próximo ao joelho. Também é aceita calça de brim azul marinho.	Calça de tergal azul marinho.
Uniforme de Gala:	Camisa branca social de manga comprida com bolso e com botões.	Camisa branca social de manga comprida sem bolso e com botões.
	Gravata borboleta feminina azul marinho.	Gravata masculina azul marinho.
	Saia de tergal com pregas azul marinho com comprimento próximo ao joelho.	Calça social azul marinho.
Itens para ambos os uniformes:	Sapatilhas pretas.	Sapatos pretos.
	Meias brancas três quartos.	Meias brancas.
	Cinto preto.	Cinto preto.
Item opcional:	<i>Botton</i> da respectiva série.	<i>Botton</i> da respectiva série.

Fonte: Orientação Educacional do IE CIEP 179

O uniforme tradicional é o mais usado na escola. Já o uniforme de gala é obrigatório para a incorporação<sup>13</sup> e para as segundas-feiras letivas. Os elementos apresentados na tabela são obrigatórios e também são exigidos algumas formas de utilização como: a manga das camisas não pode ser dobrada; a saia tem um comprimento específico não podendo estar nem puxada para cima nem enrolada; a gravata tem de estar no pescoço o tempo todo; dentre outras.

O rigor do uniforme exige não só seus componentes obrigatórios mas também se estendem para outras situações como as vestimentas em apresentações artísticas. Ao perguntar à orientadora educacional, ela imediatamente se refere a vestimentas em sentido de decoro e conduz a resposta se referindo à nudez. Em resposta às vestimentas em apresentações artísticas, ela diz que devem estar

Dentro de um bom senso, *em termos de decoro mesmo*, porque aqui é uma instituição escolar, então a gente não pode... *Porque infelizmente o nu choca*. O nu choca... Então, aqui na nossa instituição, a gente tem que ter muito cuidado pra trabalhar com essa questão. [...] Ele [o aluno] trata essa questão do nu e do seu corpo [...], não mantém essa preservação em termos até dos amigos [...]. Estar com um short num tamanho mais padronizado, entendeu, pra não realmente até chocar. A nudez, o sexo isso tudo são temas que, nós temos meninas que ainda muito jovens, e que elas não querem tomar ciência e que a família também não permite. [...] Aquela menina que gosta de se preservar, tem o biombo no banheiro, ela vai fazer a troca de roupa dela dentro do biombo [...] Aquela que não tem essa [...] preocupação, ela normalmente faz ali na presença das colegas.

Pelo discurso se percebe que há um direcionamento para a sexualidade, muito provavelmente pelo universo do adolescente. Mas a questão de como se dão as relações entre elementos do vestuário nos alunos toma uma proporção bastante significativa. E as atitudes da escola se tornam muito ditatoriais em muitos sentidos e em muitos casos. No caso do uniforme é bastante evidente como um comportamento a ser seguido a partir de uma roupa que está colada ao corpo e o engessa não só para os exercícios nas práticas artísticas, mas pelas imposições do rigor com que é exigido no IE CIEP 179.

---

<sup>13</sup> Evento escolar feito no início do ano letivo no qual são celebradas as boas-vindas ao primeiro ano e a despedida do terceiro ano. Todas as turmas são obrigadas a apresentar um “número” artístico e ao final há a cerimônia de transferência dos *bottons* que fazem parte do uniforme. Esses *bottons* têm as respectivas barrinhas: uma para 1º ano, duas para 2º ano e três para 3º ano.

### 4.3. DISCIPLINA E CONDUTAS IDEAIS

Pelos termos e conceitos levantados, ao investigar os corpos dos alunos e suas interfaces com as situações apresentadas, há nitidamente uma recorrência sobre a incidência da disciplina sobre eles. Disciplina, segundo os cinco alunos entrevistados, tem a ver com educação. Em se tratando de uma formação de professores, os discursos mostram uma introjeção de aspectos da ordem que aparecem como:

Pra mim disciplina é uma educação que você impõe pros seus alunos. Matéria... Acho que é isso. (aluna 3)

[...] disciplina é regras que nós temos que seguir [...] não ficar andando pelos corredores na hora da aula. É você não deixar mochilas em cima da mesa do refeitório. São várias coisas assim que a gente tem que seguir as regras da escola, né? (aluna 2)

Disciplina, ah, é pra educação das pessoas [...] se tiver uma disciplina na escola todos vão saber se comportar dentro dela. [...] Uma pessoa quieta, que sabe falar na hora que tem que ser. (aluna 5)

As respostas acima foram sobre o que seria disciplina e se ela está presente dentro da escola. E, pelos comentários das alunas, evidencia-se uma relação com a disciplina muito forte no sentido de imposições. Esses relatos soam bastante preocupantes, pois se esses futuros professores têm a visão de que a educação passa por esses sentidos, do que seria educar, o que seria um bom comportamento, levados a imposições e aprisionamentos em suas práticas.

Os relatos também direcionam a relação que os alunos têm com professores e funcionários, o que se apresenta como uma coreografia evidente nessas relações, diferente de suas relações com outros colegas. Quando é perguntado se há disciplina na escola, uma aluna responde:

Sim. Na gestão. Na forma de... *Na disciplina com que os alunos são efetivamente direcionados pela diretora, pelo corpo docente, por...* Pelos funcionários, tanto de limpeza, tanto de... da cozinha, todos têm um padrão de disciplina a passar. É só você saber analisar. (aluna 4, grifos meus.)

Este pode ser um exemplo evidente dos conceitos apresentados por este estudo. Coreografias ditadas por regras, imposições, a partir dos relatos da aluna acima e da diretora, quando se refere ao que seria um professor de conduta ideal, ela diz que todos são, mas “quando não é, pede pra sair ou eu tiro.” Há ainda nos relatos das alunas aspectos muito

arraigados a partir da ordem disciplinar presente no que se pensa sobre ser um bom aluno. Essas condutas se mostram evidentes, principalmente em relatos como da aluna 3 quando se pergunta se aprendeu alguma coisa na escola. A resposta é: “Muita, bastante. Em termos de comportamento, uniforme, professores, em geral.”

Tornando essa disciplina uma ponte para o fazer pedagógico com Educação Infantil e Ensino Fundamental I, corre-se um sério risco de se levar a diante uma educação calcada em imposições, opressões e repressões pelo comportamento, e que podem ser irreversíveis. Atendo-se ao ensino de Arte, as questões giram em torno de processos criativos que se olhados por coreopolíticas (Lepecki, 2012) militarizadas, pode haver uma aniquilação da grandeza e pluralidade de criação. É preciso que os corpos tenham espaço para que os processos criativos ganhem conexões corporais de forma fluida<sup>14</sup>, de forma a contribuir com um intelecto que não seja centrado na cabeça em relação unidirecional (sentado, lendo, escrevendo). Abrir espaço para a criação irá certamente contribuir para que a formação desse professor seja amplamente mais rica. Incoerentemente, mais relatos mostram que, no IE CIEP 179, ser um bom aluno significa comportar-se moralmente.

No espaço escolar essa disciplina é importante, acho importante, porque *se tiver uma disciplina na escola todos vão saber se comportar dentro dela*. É isso que eu acho. *Uma pessoa quieta, que sabe falar na hora que tem que ser.* (aluna 5, grifos meus.)

Há ainda um entendimento de que quieto é forma que se deve estar. Um bom aluno é o disciplinado que fica quieto. A partir dessa lógica ainda há relatos relacionados com o mundo do trabalho e de outras profissões que divergem bastante das relações educacionais.

[...] as pessoas têm que saber como lidar com o chefe. Então têm que saber como conversar, como reagir... Se não souber, a pessoa acaba não seguindo em frente no trabalho. Acho que é isso. [...] Como antes eu não tinha formação, agora eu tô tendo formação, e tô achando muito importante até como educação assim... *De como se comportar no trabalho. De como educar as crianças*, porque aqui enquanto formação de professores, a gente aprende a como se educar perto delas e educar elas também. (aluna 5, grifos meus)

Portanto, o discurso da lógica industrial se mistura ao educacional. Há um choque entre os dois universos que pode ser grave. Processos educacionais podem ser completamente massacrados pela coreopolítica (Lepecki, 2012) que obrigue os corpos a determinações. E isso será levado a diante, para as próximas salas de aula, para as próximas gerações:

---

<sup>14</sup> “A fluidez é o movimento intermimo de uma particular aplicação, um fluxo contínuo e alçado a todas as direções ubiqüamente.” (MOTTA, 2006, p. 38)

“De como se comportar no trabalho. De como educar as crianças, porque aqui enquanto formação de professores, a gente aprende a como se educar perto delas e educar elas também.” (aluna 5)

“[...] vou ter que me disciplinar mesmo pra tentar passar uma coisa mais aceita para as crianças” (aluna 1)

Há coreografias evidentes nesses discursos. Para a aluna 1, por exemplo, a disciplina está tão presente no que se legitima como educação que ela acredita que essa é a melhor forma de tratar as crianças quando for professora. Ou seja, para ser uma boa professora seu corpo terá de ser disciplinado (coreografado) para dar as suas aulas, pois esta é uma forma eficiente de tratar as crianças. Existe claramente um tratamento do adolescente como se fosse a própria criança, e pior, do ponto de vista do rigor disciplinar que é aceito sem questionamentos e espaço para reflexão.

Então a preocupação é esta: a suposta coerência em lidar com a educação como sinônimo de disciplina. A gravidade dos discursos se resume à concepção de educação segundo as alunas que respondem: “Disciplina, ah, é pra educação das pessoas” (aluna 5) e “Pra mim disciplina é uma educação que você impõe pros seus alunos.” (aluna 3)

## 5. CONCLUSÃO

Dentre as conclusões tiradas a partir deste estudo muitas são as que aproximam os dois conceitos centrais: a coreopolítica (LEPECKI, 2012) e a ordem escolar via corpos dóceis (FOUCAULT, 2008). Após o levantamento das situações e análise das entrevistas fica evidente a relação repressiva encontrada não só nas situações apresentadas, mas no pensamento que se têm de várias pessoas do IE CIEP 179. Assusta saber que nossa educação caminha a passos de pessoas que não diferenciam educação de disciplina e que conduzem soluções e processos apenas por imposição de regras.

Difícil, com certeza, educar sem parâmetros. Seja de comportamento, seja caminhos metodológicos. Porém, há muitas diferenças e falta de entendimentos mostrados neste estudo que são de grande relevância em relação ao que se encontra em um escola que se trabalha a educação com vista para outra educação no futuro. Olhar para adolescentes que serão professores em pouco tempo é assumir compromisso sério com o futuro. Essa preocupação surgiu com as questões iniciais da pesquisa e se aventurou em caminhos que revelam não só a análise de conceitos e relatos. Percebeu-se que nas entrelinhas, principalmente no que diz respeito ao indizível dos corpos, há uma série de querereres e fazeres apontando para vários caminhos que podem interferir fortemente no que se revelará nos corpos dos futuros profissionais da educação.

Traçar um olhar panorâmico sobre o que se falou neste tempo de reflexão, mostra a grande preocupação sobre apropriações de regras e comandos escolares por corpos em constante mutação. Tratar desse aspecto complexo por si só, recortar situações que possam ser relevantes, analisar comportamentos e falar a partir deles foi extremamente rico para admitir que há sim preocupação com educação.

Partindo da escola em si, seu contexto, suas características mostram uma gestão muito eficiente. Porém, essa eficiência é atribuída à rigidez com que são tratadas muitas situações. Isso reflete no entendimento dos alunos como necessidade de obedecer (do ponto de vista do poder hierárquico) às solicitações/imposições ditadas a partir de regras e formatos. A partir daí, os alunos entendem que esse é um caminho eficaz para que se tenha ordem e uma forma de impor respeito, imprescindível para que sejam bons professores. Isto é, quando forem professores eles precisarão saber ter essa autoridade e impor o respeito da mesma forma. Como seus corpos que agora obedecem, se colocam disciplinados, quietos, parados,

reprimidos, serão os mesmos que precisarão se colocar com estado cênico (FABIÃO, 2010) para impor respeito mais a diante.

As questões levantadas por esse estudo revelam que há um sem número de atravessamentos que, subjetivamente, compõem corpos e atitudes na escola. Porém, essas subjetividades são trabalhadas/exploradas em pouquíssimas disciplinas e práticas escolares. Quando se reconhecem essas propriedades inerentes aos corpos, como potência criativa, se evidenciam capacidades muito férteis. Porém, no final das contas a imposição é soberana. Acaba-se por perceber que, por mais que se explore essas potencialidades, elas se perdem quando aparece a imposição e grosseiramente a imposição aparece. Uma forma imediata, visível, perceptível e objetiva de ordem-obediência que “funciona”: todos ficam quietos, ouvem, concentram-se à sua maneira corporal adolescente.

Portanto, a conclusão desse estudo enxerga que a Coordenação Pedagógica, a Orientação Educacional, e a Direção do IE CIEP 179 caminham juntas para a ordem escolar e legitimam para o aluno um formato educacional eficiente. Por mais que existam considerações humanas, afetivas, as práticas repressivas são muito mais presentes.

Espera-se que a partir de agora com esse alerta, a inserção dos trabalhos subjetivos se desdobre em práticas que interfiram mais ainda nas coreografias das práticas desses alunos/futuros professores. Pretende-se em uma próxima pesquisa colocar o corpo como centro do estudo, mais uma vez, a partir do que foi pincelado no primeiro capítulo, criar uma metodologia chamada de corpo+. Essa metodologia pretende problematizar o corpo nas diferentes linguagens artísticas e explorar potencialidades para além das aulas de Arte. As observações serão feitas nas aulas práticas do estágio (no terceiro ano do Ensino Médio) percorrendo da neutralidade (LECOQ, 2010) à expressividade (FERNANDES, 2006) a fim de edificar um corpo cênico e suas interferências nesse corpo de professor em formação. Acredita-se que essa prática pode provocar ainda mais rupturas em imposições e repressões instigando e se colocando com mais força um corpo potente como base de criação sem necessariamente estar quieto, calado, reprimido.

## 6. REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação: Leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.
- BEHLE, Nanashara F. *Relevância e teatro do absurdo: uma análise crítica da teoria*. Porto Alegre: 2010. Disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Linguistica/Linguistica/83687-NANASHARAFAGUNDESBEHLE.pdf> Acessado em 17 fev. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei Federal 5692/71, 11 de agosto de 1971. Reforma do ensino: diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96*, de 20/12/1996
- \_\_\_\_\_. *Resolução CNE/CP 2/2015*. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de julho de 2015 – Seção 1 – pp. 8-12. Disponível em: [http://www.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/83/res\\_cne\\_cp\\_002\\_03072015.pdf](http://www.udesc.br/arquivos/id_submenu/83/res_cne_cp_002_03072015.pdf) Acessado em 20 abr. 2016.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, núm. 19, jan-abr, pp. 20-28. 2002.
- BOURDIEU, Pierre. “Reprodução Cultural e Reprodução Social” in *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CIAVATTA, Lucas. *O Passo*. Rio de Janeiro: 1996 Disponível em [http://www.opasso.com.br/pt\\_opasso\\_folhas.htm](http://www.opasso.com.br/pt_opasso_folhas.htm) Acessado em 06 maio 2016.
- ELIAS, Marina. *Cartografia de um Improvisador em Criação*. Tese de Doutorado. Campinas-SP: UNICAMP, 2011.
- FABIÃO, Eleonora. Corpo Cênico, Estado Cênico. *Revista Contrapontos* vol. 10 – n. 3 p. 321-326. Rio de Janeiro: 2010.
- FARO, Antônio José, SAMPAIO, Luiz Paulo. *Dicionário de Ballet e Dança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- FERNANDES, Ciane. *O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas*. São Paulo: Editora Annablume, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*. 13ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Graal, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 30ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- GIL, José. *Movimento total*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

- GUASCH, A. M. Estudios Visuales: um nueva academia: la nueva historia del arte y los estudios audiovisuales. In: BREA, J. L. *Estudios Visuales*, 1, p. 8-16. 2003.
- HEWITT, Andrew. *Social Choreography: Ideology as Performance in Dance and Everyday Movement*. Durham/London: Duke University Press, 2005.
- LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Editora Summus, 1978.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- LEPECKI, André. Coreopolítica e Coreopolícia. *Revista Ilha*. v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011). Florianópolis: UFSC, 2012.
- LECOQ, Jacques. *O Corpo Poético*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2010.
- MACHADO, Cleusa J. Identidade Expressiva do Ator. Tese de Doutorado – Campinas: UNICAMP, 2009. (no prelo 2016)
- MARQUES, Isabel A. *Ensino de Dança Hoje: textos e contextos*. 6 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- MARTINS, R. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA de OLIVEIRA, Marilda (Org.). *Arte, Educação e Cultura*. Santa Maria: editora UFSM, pp. 19-40. 2007.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MENDES, Diana. MILSTER, Héctor. *Escola, Corpo e Cotidiano Escolar*. São Paulo-SP: Cortez, 2010.
- MOTTA, Maria Alice. *Teoria Fundamentos da Dança: uma abordagem epistemológica à luz da Teoria das Estranhezas*. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2006.
- NUNES, Clarice. *Diretrizes Curriculares Nacionais: ensino normal – formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- SANTOS, Tamires Dias. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – Vol. 7 – nº 2 – pp.25-36 Theodor Adorno: uma crítica à indústria cultural*. 2014. Disponível em <http://tragica.org/artigos/v7n2/santos.pdf> Acessado em 15 maio 16.
- SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- \_\_\_\_\_. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação* v. 14 n. 40 jan./abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf> Acessado em 23 fev. 16.
- <http://lounge.obviousmag.org/transfigurar/2012/09/duchamp-que-estas-na-arte-nos-dada-a-fonte.html> Acessado em 13 mar. 16.

<http://www.aibj.com.br/produtos/linha-ecolar.html> Acessado em 10 fev. 16.

<http://www.dicio.com.br/piercing/> Acessado em 15 maio 16.

<https://www.significadosbr.com.br/dread/> Acessado em 15 maio 16.

## 7. APÊNDICES

### 7.1. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

#### **Questionário**

Direcionado à Direção da Escola ou Secretaria

1. Qual o ano de fundação do CIEP 179?
2. Há quanto tempo o CIEP 179 trabalha só com Ensino Médio em formação de professores?
3. A habilitação do curso é para lecionar em quais séries?
4. Quantos alunos tem a escola?
5. Quantos alunos do sexo masculino?
6. Quantos alunos do sexo feminino?
7. Quantos alunos com mais de 19 anos?

#### **Roteiro de Entrevistas**

Direcionado à Direção da Escola

1. Com base nos critérios disciplinares, qual seria a conduta ideal de um professor?
2. Com base nos critérios disciplinares, qual seria a conduta ideal de um aluno?
3. Há ou houve algum aluno ideal nesta escola?
4. Há ou houve algum professor ideal nesta escola?
5. Há situação(ões) em que os alunos devem estar em ordem? Quais?
6. Qual a finalidade da formação enfileirados antes da subida para a sala de aula?
7. Para que serve a guarda das carteirinhas de estudante dentro da escola?

Direcionado à Coordenação Pedagógica

8. Com base nos critérios disciplinares, qual seria a conduta ideal de um professor?
9. Há algum nesta escola?

#### Direcionado à Orientação Educacional

1. Com base nos critérios disciplinares, qual seria a conduta ideal de um aluno?
2. Há algum nesta escola?
3. Há uniforme na escola? Ele serve para quê?
4. Em caso de apresentação artística como devem ser as vestimentas?
5. Como os alunos devem proceder as trocas de uniforme-figurino-uniforme?

#### Direcionado aos alunos

1. O que é disciplina?
2. Você acha que há disciplina nesta escola? Se sim, em quê? Se não, por quê?
3. Você acha que a disciplina pode estar no seu corpo? Em quê?
4. A disciplina vai interferir na sua profissão? Em que aspectos?
5. Você aprendeu alguma coisa nesta escola? Se sim, qual a principal? Se não, o que deveria ter aprendido?

## 7.2. ENTREVISTAS

### **Diretora geral**

1. Com base nos critérios disciplinares, qual seria a conduta ideal de um professor?

“Ter postura ética, falar a verdade, tratar o aluno não só através do conteúdo, mas também das relações humanas.”

2. Com base nos critérios disciplinares, qual seria a conduta ideal de um aluno?

“Ter postura, saber se realmente quer ser professor, falar a verdade, e principalmente respeitar o próximo.”

3. Há ou houve algum aluno ideal nesta escola?

“A maioria eu considero que são ideais, são poucos aqueles que não são. Porque eles amam... E chega no 3º ano, vira uma grande família. Então um passa a respeitar, um passa a cuidar do outro.”

4. Há ou houve algum professor ideal nesta escola?

“Todos são. Quando não é, pede pra sair ou eu tiro.”

5. Há situação(ões) em que os alunos devem estar em ordem? Quais?

“Na hora do hino nacional toda segunda-feira, com uniforme de gala e em eventos.”

6. Qual a finalidade da formação enfileirados antes da subida para a sala de aula?

“Pra justamente saber qual é a turma, né? E até pra ter um certo critério, porque eles vão trabalhar com Ensino Fundamental. Você também não pega alunos de Ensino Fundamental aleatoriamente e manda subir pra sala, você tem que formar e subir com eles. Então aí eles já começam a ter certas regras, criarem certas regras.

7. Para que serve a guarda das carteirinhas de estudante dentro da escola?

“Por questão de segurança. Ali é um controle de presença do aluno. Quando o aluno foge ou não, se o aluno está na escola ou não.

### **Coordenadora Pedagógica**

1. Com base nos critérios disciplinares, qual seria a conduta ideal de um aluno?

“É, hoje em dia, né? As vezes a gente pensa que uma atitude seria correto dentro de uma sala de aula ou no pátio, qualquer espaço da escola. E muita das vezes é tomada como algo errado. Se a gente for voltar um pouco no passado, claro que tem coisas na pedagogia tradicional que não se aplica. Porém, a gente vê que no passado os professores eram mais respeitados. E hoje em dia você vê alunos querendo falar, alunos novos, adolescentes querendo falar com um professor, que é uma autoridade dentro da sala de aula, de igual. E se o professor diante de uma indisciplina, é briga mesmo, porque tem acontecido isso dentro do espaço escolar: brigas *bullying*... Se o professor tiver atitude de mandar o aluno para a Orientação Educacional, ou até mesmo privá-lo daquele tempo de aula para conversar com o coordenador, ou quem quer que seja, ele pode vir no dia seguinte, como já vimos acontecer, com o responsável. E o responsável dizer que vai encaminhar o caso ao Conselho Tutelar. Agente vê muito isso acontecer. Então hoje em dia é muito difícil virar pra você e falar assim: olha, faz isso que é a conduta certa dentro da sala de aula. Eu acho que o professor: primeiro o professor, ele tem que ver como é a turma. Qual a relação que ele tem com a turma, relação de afetividade mesmo, porque eu acho que tem que ter a afetividade para o aprendizado e também a troca do respeito. Eu creio que quando você entra numa sala de aula com uma postura, não é dizer que o professor vai ser ditador, não é isso... O professor, ele, como eu disse antes ele tem que ter a afetividade na relação professor-aluno. Mas se ele já entra com uma postura sem muita brincadeira, tal, eu acho que o aluno vai pensar duas vezes antes de fazer, vamos dizer assim: graça, né... na aula dele.

## 2. Há algum nesta escola?

“Você quer a verdade? Eu admiro todos. Cada um tem detalhes que me fascina. Por exemplo: tem um professora que de vez em quando ela dá aula no auditório, às vezes é lá em baixo. Quando ela tá no auditório eu corro e faço um pouquinho da aula dela né... Tem professores que falando eu chego viajar. Tem um entrevistador também que quando ele dá aquela aula dele do ‘e’, ai eu adoro. Então acho que se fosse pra dar uma medalha para os professores do CIEP 179, eu daria para todos.”

### **Orientadora Educacional**

#### 1. Com base nos critérios disciplinares, qual seria a conduta ideal de um aluno?

“Acho difícil assim, definir uma conduta ideal né? Uma conduta respeitosa com o outro, em termos de não ser agressivo verbalmente, a questão da agressão de esnoabar o outro, isso com professor ou com aluno que eu coloco, entendeu? Ou funcionário. Assim, não tem essa questão de um setor específico, seja direção, seja funcionário do apoio, a merendeira, o servente, então acho assim, essa questão do modo de falar que as vezes você pode falar e estar sendo irônico. Como às vezes eu recebo alguns alunos que o professor se queixa muito da questão da ironia. Então quer dizer, a questão disciplinar, nós aqui temos algumas regras. E aí, quando o aluno vem pra levar uma advertência, ele normalmente questiona: mas que advertência é essa? Eu coloco: é um documento legal que a gente faz aqui pra assinar pra eu observar o seu comportamento ao longo do ano. Tudo depende. Se você levou uma advertência porque não trouxe a carteirinha num dia, ela tem um peso. Ela é uma advertência? Ela é uma advertência. Mas isso não vai também te definir enquanto aluno. Isso aí é um dado que eu tenho registrado pra poder continuar te observando. Entendeu? Então essa questão disciplinar não tem assim uma coisa fechada. Porque... A gente tem um regulamento muito, muito, muito rígido, e a gente sempre faz as aplicações de advertência de acordo com o regulamento. A gente não deixa de aplicar. Porém, a gente sempre faz essa avaliação desse aluno como um todo. A gente aplica a advertência, mas isso não vai condenar esse aluno. A gente vai observar o aluno ao longo do ano. E aí tem procedimentos que aí nos casos sérios quando o aluno tem reincidência. Aí que essa questão a gente começa a avalia-lo e tomar outras posturas. Porque, assim, eu tenho aluno aqui que sai, vai embora e diz assim: professora eu tenho que sair mais cedo. Não pode. É regra da escola. Ah, então professora, é porque eu tenho que buscar o meu irmão e eu esqueci a declaração da minha mãe. Eu falei olha, aqui é regra da escola. Ah e se eu sair? Você vai tomar advertência. Ah, então tá bom. E aí, quer dizer, ele sai sabendo que ele vai levar advertência, porque é regra da escola, mas que

tudo depende do comportamento dele ao longo do ano, da postura dele. A gente até faz a advertência, mas a gente vai sempre observando esse aluno. Então essa questão disciplinar depende muito. Eu acho que mais dessa questão da reincidência. Porque errar todo mundo erra. A gente sempre coloca pra ele, se ele tá disposto também a reconhecer o erro e modificar. Isso já é um ponto a favor desse aluno, né? Ele sabe se colocar, ele sabe: olha professora eu errei, desculpa, tá? Então a gente já tem um outro olhar pra esse aluno, do aluno que erra e diz: ah, eu não quero nem saber. Então a gente faz toda uma avaliação desse aluno. Não só do ato em si. Mas do comportamento dele como um todo.”

(Pergunta extra) Você fala de postura. O que seria essa postura?

“Essa postura é toda... Até essa questão corporal mesmo. Porque a gente vê como ele senta, primeiro se ele olha nos nossos olhos. Até a própria direção, a Ana Cristina sempre fala quando ela atende junto com a gente ela fala: ‘Olha nos meus olhos! Olha nos meus olhos!’ ela sempre exige isso do aluno. Que aquele aluno que realmente procura disfarçar e abaixa a cabeça... Ela sempre pede pra olhar nos olhos do aluno. Sentir esse aluno. E essa questão mesmo de se sacudir, as vezes o aluno vem falar com a gente e fica se sacudindo, já demonstra assim, às vezes um desdém, então a gente faz toda essa leitura desse corporal dele, além do que ele fala, porque a gente tá muito habituado a lidar com aluno que conta inúmeras histórias. Eles vêm com uma infinidade de histórias. Eles têm histórias pra tudo. É o cachorro, é o irmão, é o vizinho. Então, eles falam muito. Eles sempre tem uma justificativa. Então a gente ouve sempre a justificativa. Até pede: ó, relata, pode escrever. Até na advertência. Um dia a gente chamou uma menina e o professor veio dizendo que ela teve uma atitude com ele debochada. Aí, ela na frente dele falou: não foi bem assim. Aí eu fiz a advertência conforme ele falou. Aí eu falei: você pode assinar. Aí ela assinou. Aí eu falei: você quer escrever atrás alguma coisa? Não. Eu falei: você não quer escrever nada? Não. Eu falei: então você tá ciente de que se você assinou isso aqui e não quer fazer nenhuma ressalva é porque realmente é dessa forma. Tô, tô ciente. Então quer dizer, eles às vezes vêm com inúmeras histórias e a gente tem que realmente observar esse modo de ele agir, essas sacudidas que ele dá. Às vezes até o jeito de vítima. Têm muitos que se fazem de vítima. Tem uns alunos muito sofredores. Nós temos histórias aqui muito sofridas. Mas assim, essa semana mesmo eu peguei uma menina veio falar comigo assim, numa atitude de vítima, com aquele olho vermelho, a vozinha baixa. Quando ela voltou com uma amiga, ela voltou totalmente diferente. Até comentei isso na reunião de equipe hoje. Olha ela voltou já com um tom de voz mais elevado, o olhar já era diferente, ela já estava mais ereta, e o tom de voz bem diferenciado. Então, de

vítima eu já fiquei na dúvida se ela era tão vítima assim. Então a gente tem que fazer todo esse estudo. Porque realmente... O pai também. Todos os... É a família, também que às vezes se coloca nessa questão da... Sempre com uma atitude muito arrogante. O modo de falar e as expressões e o que falam também. Então a gente faz uma avaliação se ele veio para resolver, se ele veio para chegar a um consenso, ou qual o interesse ou se ele tá realmente querendo, às vezes até um conflito maior. Entendeu? Então a gente faz toda essa avaliação, dessa questão da postura, da fala, o tom de voz, as expressões...”

## 2. Há algum nesta escola?

“Não. E isso eu sempre coloco pra eles. Quando a gente tem algum conflito em sala. Uma fofoca, um falando do outro. Um falando da briga, falando da trança, falando disso ou daquilo, eu sempre faço essa colocação pra todos. O aluno perfeito por favor venha aqui e desfile na turma. Quem é o aluno perfeito? E aí nunca ninguém levantou. Nunca ninguém levantou. E aí eu sempre coloco essa questão: olha ninguém é perfeito. Um tem o nariz maior, o outro acha que é muito baixo, outro acha que é muito alto e até as próprias questões de qualidades deles. Um desenha melhor, outro é um líder mas também tem que aprender a falar um pouco com os colegas. Então a gente sempre coloca que todos nós temos as nossas qualidades e nós temos também algumas coisas que podem ser melhoradas. Então o aluno perfeito não existe. E sempre que eu coloco isso eles mesmo já percebem que ninguém é perfeito.”

## 3. Há uniforme na escola? “Sim. Há uniforme na escola.” Ele serve para quê?

“Ele serve pra padronizar realmente né? É pra gente... O uniforme ele coloca todos no mesmo nível. Entendeu? Não tem o pobre, não tem o rico, não tem a questão do... ele padroniza, ele vai uniformizar esses alunos. Então quando um aluno até às vezes quer um direito diferente, a gente coloca não, mas esse direito tem que ser extensivo a todos. Então se eu abrir pra você, eu tenho que fazer, abrir pra todos os alunos porque todos têm o mesmo direito. Aqui não existe uma preferência. Então assim, existe o uniforme que padroniza os alunos, coloca todos no mesmo nível, entendeu? E, mas eles têm lá as questões pessoais deles que são realmente a questão do cabelo, cada um do seu jeitinho. Uma com a trança afro, outra com cachinho ou solta, outra com seu cabelo azul. Eles têm a identidade deles, mas a questão do uniforme padroniza a todos. Coloca todos no mesmo, realmente, nível.”

#### 4. Em caso de apresentação artística como devem ser as vestimentas?

Dentro de um bom senso, em termos de decoro mesmo, porque aqui é uma instituição escolar, então a gente não pode... Porque infelizmente o nu choca. O nu choca... Então, aqui na nossa instituição, a gente tem que ter muito cuidado pra trabalhar com essa questão. E também assim, a gente vê o jovem hoje, ele, ele, ele.... A gente percebe que ele... Ele trata essa questão do nu e do seu corpo, assim de uma forma, ele não mantém essa preservação em termos até dos amigos. Então a gente percebe hoje na escola, assim, muitos casos de fotos que eles tiram e manda para o namorado, cai na rede, cai na internet. Isso a gente tem visto, mas a questão da cultura, das apresentações a gente pede sempre assim: a questão de sempre... Estar com um short num tamanho mais padronizado, entendeu, pra não realmente até chocar. Porque infelizmente também, a gente pega o outro lado. A gente pega aquele lado do pai que é pastor que vem cobrar da escola uma postura de respeito. Eu já tive aqui um pai que era pastor que veio questionar o trabalho da professora por conta de até palavras que ela usou um termo, com um texto que vinham expressões em inglês. E ele veio questionar: por que que o texto tinha a palavra '*sex shop*'? Por que que no texto tinha a palavra '*night club*'? E questionando realmente... Que a filha dele não está habituada com esse tipo de vocabulário, inclusive tinha uma expressão que era, até que se a gente for traduzir no sentido literal da palavra era 'amor, sexo turbulento'. E aí, ele questionou. Então, nós temos assim que ter esse cuidado. Infelizmente a gente assim, recebe os pais e eles vêm realmente questionando muito, e assim, a nudez a gente percebe que... A nudez, o sexo isso tudo são temas que, nós temos meninas que ainda muito jovens, e que elas não querem tomar ciência e que a família também não permite. Então a gente percebe... Lógico, a gente tem esse contraste na escola, nós temos aqueles alunos que são ávidos de informações, mas nós temos os que ficam assim muito tímidos, e aí a gente tem que realmente tentar não causar tantos transtornos pra escola.

#### 5. Como os alunos devem proceder as trocas de uniforme-figurino-uniforme?

É... Eles geralmente assim... O aluno que vai fazer uma atividade assim, ele já sabe que tem toda essa questão da própria movimentação de troca de figurino. Então aquele aluno que se expõe a isso, ele já conta realmente em fazer a troca, e elas, assim pelo que eu tenho visto, nenhuma, eu não tenho tido problema em nenhuma vir colocar que tenha dado algum tipo de problema, de constrangimento, de querer ter trocado de roupa e o banheiro tá muito cheio, entendeu? Porque assim... Aquela menina que gosta de se preservar, tem o biombo no banheiro, ela vai fazer a troca de roupa dela dentro do biombo do banheiro. Aquela que não

tem essa questão de, essa preocupação, ela normalmente faz ali na presença das colegas. Nós já tivemos também... Teve um ano que nós separamos uma sala pra cada turma fazer a troca da roupa. E aí aquela que não tem nenhum problema de trocar de roupa ali na frente de todo mundo troca. E a que já tem, ela vai procurar um lugar reservado pra ela fazer a troca.”

## **Aluna 1**

### 1. O que é disciplina?

“Acho que envolve muitos fatores, por exemplo: digamos que também tem disciplinas na escola, as matérias em si. Mas por outro lado tem a disciplina de uma pessoa só que é o comportamento dela, o jeito que ela se comporta num ambiente com outras pessoas. Acho que é isso.”

### 2. Você acha que há disciplina nesta escola? Se sim, em quê? Se não, por quê?

“Tem. Quando você tá numa sala de aula, com muitas pessoas você precisa ter respeito, você precisa saber conviver com todos os alunos, com os diferentes professores, o jeito que as pessoas sabem lidar com as coisas também tem que entender. Essas coisas... Não sei, acho que sim...”

### 3. Você acha que a disciplina pode estar no seu corpo? Em quê?

“Pode. O jeito que você se move, o jeito que você anda, o jeito que você usa a mão pra explicar algumas coisas, acho que tá em tudo que você faz. Porque andando, você tem um jeito certo de andar, o jeito que você cumprimenta alguém, você já tem, digamos, que um, não sei... Um hábito, não é um hábito, não sei, uma coisa que você já está acostumado a fazer, entendeu?”

### 4. A disciplina vai interferir na sua profissão? Em que aspectos?

“Vai. O jeito que eu tô como aluna na escola vai ser muito diferente quando eu for professora. O jeito que eu vou ter que lidar com as crianças, eu vou ter que ajudar elas, o jeito que eu vou ter que explicar... Tudo que eu faço agora como aluna eu não vou poder fazer no sendo professora, eu vou ter que mudar muita coisa e vou ter que me disciplinar mesmo pra tentar passar uma coisa mais aceita para as crianças. Não sei se é assim dizer... Mais adaptada.”

### 5. Você aprendeu alguma coisa nessa escola? Se sim, qual a principal? Se não, o que deveria ter aprendido?

“Muita! muita coisa! [ri]

Ah, então, disso que eu tava falando mesmo assim, eu aprendi muito a conversar com pessoas diferentes. Eu já, eu sempre fui uma pessoa sociável, adorava conversar, desde

pequeninha, só que aqui nessa escola me ensinaram a como como conversar de uma forma correta, como saber me expressar sem agredir as outras pessoas, como criticar tanto de forma positiva como negativa sem prejudicar alguém. Então acho que foi isso, nessa escola eles me ensinaram a me comunicar de uma maneira mais íntegra, mais ou menos assim que você consegue conversar com todo mundo, só que sem prejudicar ninguém, entendeu?”

## **Aluna 2**

### 1. O que é disciplina?

Disciplina é regras que nós temos que seguir.

Você acha que há disciplina nesta escola? Se sim, em quê? Se não, por quê?

### 2. Você acha que há disciplina nesta escola? Se sim, em quê? Se não, por quê?

Em você não ficar andando pelos corredores na hora da aula. É você não deixar mochilas em cima da mesa do refeitório. São várias coisas assim que a gente tem que seguir as regras da escola, né?

(pergunta extra) Onde tem mais disciplina na escola?

Eu acho que dentro da sala de aula, por estar o professor dentro da sala. Depende muito do professor, mas na maioria das vezes sim é dentro da sala de aula.

### 3. Você acha que a disciplina pode estar no seu corpo? Em quê?

Na boa alimentação, na maneira de você se vestir também, roupas adequadas que não te apertem, coisas assim...

Na escola, não consigo imaginar isso.

### 4. A disciplina vai interferir na sua profissão? Em que aspectos?

Eu ter horário certo pra chegar no meu local de trabalho, eu estar sempre preparada, concentrada, focada nos meus afazeres. Deixar as coisas externas do lado de fora e focar no que eu vou fazer lá dentro, no meu trabalho.

### 5. Você aprendeu alguma coisa nesta escola? Se sim, qual a principal? Se não, o que deveria ter aprendido?

Tenho aprendido muitas coisas sim. Aprendi a me dar mais com o outros, me socializar, é... Aprender a ouvir, aprender a posturar dentro de qualquer ambiente, porque aqui, como é formação de professores, a gente vê muito do professor, e procura também se espelhar no professor. Então a gente procura, assim como eles são, é o que eu quero ser também. O professor, quando ele entra na sala de aula, ele já passa assim, como é que eu vou dizer... A gente vê nele, a gente respeita o professor, a gente tem respeito a ele quando ele

entra. A gente fica quieto porque a gente sabe que dali a gente vai ouvir coisas que nos vão edificar.

### **Aluna 3**

1. O que é disciplina?

Pra mim disciplina é uma educação que você impõe pros seus alunos. Matéria... Acho que é isso.

2. Você acha que há disciplina nesta escola? Se sim, em quê? Se não, por quê?

Muita, bastante. Em termos de comportamento, uniforme, professores, em geral.

Nos professores

Regras e deveres que ele tem a cumprir com a turma que é exigente.

3. Você acha que a disciplina pode estar no seu corpo? Em quê?

No jeito de eu caminhar, no jeito de eu sentar, no jeito de eu andar... Em tudo assim, acho que está em tudo.

Movimentos disciplinares seriam mais contidos ou mais expansivos?

Acho que mais contidos em termos de postura.

4. A disciplina vai interferir na sua profissão? Em que aspectos?

Vai muito. Do jeito que eu me porto, que eu me comporto. Vai ser o jeito que vai... Que eu vou me apresentar.

5. Você aprendeu alguma coisa nesta escola? Se sim, qual a principal? Se não, o que deveria ter aprendido?

Aprendi muita coisa. Ah, regras e convívio com o próximo. Ué, vai fazer diferença porque eu sou uma pessoa tímida, e hoje em dia, em 3 anos, eu deixei muito de lado a minha timidez. Consigo me expressar muito melhor.

### **Aluna 4**

1. O que é disciplina?

Disciplina é o modo que você se porta em distintos ambientes, em distintas localidades. No ambiente que você, as vezes no trabalho, você demonstra algo que você possa passar para determinada pessoa.

2. Você acha que há disciplina nesta escola? Se sim, em quê? Se não, por quê?

Sim na gestão. Na forma de... Na disciplina com que os alunos são efetivamente direcionados pela diretora, pelo corpo docente, por... Pelos funcionários, tanto de limpeza, tanto de... da cozinha, todos têm um padrão de disciplina a passar. É só você saber analisar.

3. Você acha que a disciplina pode estar no seu corpo? Em quê?

Sim. No modo de andar, no modo de você se apresentar. Quando você, por exemplo, num teatro você tem que é... Passar a, como fala? A característica daquele personagem através do seu corpo. Muita das vezes [sic] você não precisa nem falar, mas através do corpo, dos movimentos, você passa a informação.

4. A disciplina vai interferir na sua profissão? Em que aspectos?

Não, ela só vai melhorar. Fazer com que aquilo que eu vejo, independente da profissão que eu irei escolher, irá somar.

(depois assume que vai interferir sim)

5. Você aprendeu alguma coisa nesta escola? Se sim, qual a principal? Se não, o que deveria ter aprendido?

Sim. Companheirismo, é... Responsabilidade, é... Modo de visão de mundo. Meus olhos estão superabertos pra tudo que o mundo tá passando. As informações que, nem sempre aquilo que passa na televisão é aquilo que tá acontecendo. Tem que sempre estar lendo diferentes fontes de conhecimento pra que a gente, a nossa visão não seja limitada.

A principal

Companheirismo, respeito também.

## **Aluna 5**

1. O que é disciplina?

Disciplina, ah, é pra educação das pessoas. Acho que é isso. É educar os alunos e também os professores, também ajudar os alunos na sala de aula... Também acho muito importante, acho que é isso: disciplinar. No espaço escolar essa disciplina é importante, acho importante, porque se tiver uma disciplina na escola todos vão saber se comportar dentro dela. É isso que eu acho. Uma pessoa quieta, que sabe falar na hora que tem que ser.

1. Você acha que há disciplina nesta escola? Se sim, em quê? Se não, por quê?

2. Você aprendeu alguma coisa nesta escola? Se sim, qual a principal? Se não, o que deveria ter aprendido?

Sim. Na educação, assim, de as pessoas conversarem um com o outro na hora que precisa, e os professores também sempre ajudam. Acho que isso é importante.

3. Você acha que a disciplina pode estar no seu corpo? Em quê?

Não.

4. A disciplina vai interferir na sua profissão? Em que aspectos?

Pode interferir. Se a pessoa não tiver uma disciplina, uma educação assim, acho que pode. Ah, porque, às vezes, as pessoas têm que saber como lidar com o chefe. Então têm que saber como conversar, como reagir... Se não souber, a pessoa acaba não seguindo em frente no trabalho. Acho que é isso.

5. A disciplina vai interferir na sua profissão? Em que aspectos?

Sim. Tô aprendendo muito. Ah, tô aprendendo coisas que antes eu não aprendia é... Formação. Como antes eu não tinha formação, agora eu tô tendo formação, e tô achando muito importante até como educação assim... De como se comportar no trabalho. De como educar as crianças, porque aqui enquanto formação de professores, a gente aprende a como se educar perto delas e educar elas também. No comportamento em geral.

## 8. ANEXOS

### ANEXO A – Grade curricular do Curso Normal

BASE NACIONAL COMUM	ÁREA DE CONHECIMENTO	COMPONENTE CURRICULAR	Carga horária semanal			Carga horária anual			Total								
			1ª série	2ª série	3ª série	1ª série	2ª série	3ª série									
Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa/Literatura	Arte	4	4	4	160	160	160	480								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			4	4	4	160	160	160	480								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
Matemática	Ciências da Natureza	Física	2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
Ciências Humanas	História	Geografia	2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
Ensino Religioso (*)	Filosofia	Língua Estrangeira Moderna/Obrigatória	1	1	1	40	40	40	120								
			2	2	2	80	80	80	160								
			1	1	1	40	40	40	120								
			1	1	1	40	40	40	120								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
			2	2	2	80	80	80	160								
Subtotal FORMAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO Profissional-NAL	História e Filosofia da Educação	Sociologia da Educação	-	-	2	-	-	80	80								
			Psicologia da Educação	-	2	2	-	80	80	160							
				Política Educacional e Org. do Sistema de Ensino	-	2	2	-	80	80	160						
					Processos de Alfabetização e Letramento	-	2	2	-	80	80	160					
						Conhecimentos Didáticos Pedagógicos em Educação Infantil	2	2	2	80	80	80	240				
							Conhecimentos Didáticos pedagógicos em Ensino Fundamental	-	2	2	-	80	80	160			
								Conhecimentos didáticos Pedagógicos em Educação Especial no contexto da Educação Inclusiva	-	2	2	-	80	80	160		
									Conhecimentos Didáticos Pedagógicos em Educação de Jovens e Adultos	-	2	2	-	80	80	160	
										Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	-	2	2	-	80	80	160
											Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	2	12	10	80	480	640
Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	3	6										8	120	240	320	680	
	Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	1	-									-	40	-	-	40	
		Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	-	1								-	-	40	-	40	
			Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	-	1							-	-	40	-	40	
				Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	-	1						1	-	-	-	40	
					Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	-	1					1	-	-	-	40	
						Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	-	1				1	-	-	-	40	
							Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	-	1			1	-	-	-	40	
								Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	4	8		12	160	320	480	960	
									Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa	4	8	12	160	320	480	960	
Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa										38	44	48	1520	1760	1920	5200	
	CARGA HORÁRIA TOTAL									38	44	48	1520	1760	1920	5200	

(\*) Oferta obrigatória e acesso facultativo pelo aluno.  
 (\*\*\*) Distribuição da carga horária de Práticas Pedagógicas, Iniciação à Pesquisa e Laboratórios Pedagógicos:  
 - 1ª série - 04h/a - sendo 02h/a Fundamentação teórica; 01h/a estágio; 01h/a de Laboratório;  
 - 2ª série - 08h/a - sendo 02h/a Fundamentação teórica; 04h/a estágio; 02h/a de Laboratório;  
 - 3ª série - 12h/a - sendo 02h/a Fundamentação teórica; 08h/a estágio; 02h/a de Laboratório.

## ANEXO B – Termo de compromisso de aluno



ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
COORDENADORIA REGIONAL 29 – REGIÃO METROPOLITANA VII  
CIEP 179 – PROF. CLÁUDIO GAMA  
**TERMO DE COMPROMISSO**



**✘ ANO 2016 ✘**

- ➡ **DO UNIFORME** – O aluno só poderá ingressar ou transitar nas dependências da Escola devidamente uniformizado. Bonés, óculos de sol, gorros, não poderão ser utilizados. É obrigatório o uso do uniforme completo para qualquer atividade. O uniforme de gala será obrigatório às 2ª feiras, formatura e demais solenidades da escola. No caso da impossibilidade do uniforme completo, procurar a Orientação Educacional para receber doação do mesmo (havendo uniformes). A saia escolar deverá ser no cumprimento padrão da escola, isto é, no mínimo dois dedos acima do joelho. No inverno a escola poderá liberar o uso de calça de brim ou tergal azul marinho para as alunas. O estágio deverá ser realizado com a calça do uniforme escolar. O calçado masculino é sapato social preto e o feminino, sapato tipo boneca (sem salto). A aluna gestante terá como uniforme o vestido jardineira, não sendo permitido o uso de macacão.
- ➡ **DOS MATERIAIS**- O aluno é inteiramente responsável pelo que traz. Não nos responsabilizamos por importâncias, objetos de valores, aparelhos eletrônicos e materiais deixados em sala e demais dependências da Escola, visto que esses objetos não pertencem ao material escolar não sendo recomendável trazê-los.
- ➡ **LEI 5453/2009** - Proíbe o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula, I Pod, MP4, MP3, celulares, máquinas fotográficas. Não é permitido fotografar e filmar as aulas sem autorização prévia do professor regente. Os aparelhos deverão ser **guardados na mochila sempre que entrar em sala de aula.**
- ➡ **O LIVRO DIDÁTICO** fornecido pelo Estado, deverá ser devolvido ao final do ano para ser reutilizado.
- ➡ **DOS ATRASOS / ENTRADAS** – O aluno deverá estar nas dependências do Colégio pelo menos 5 (cinco) minutos antes do início do primeiro sinal. O estudante que chegar após os 15 (quinze) minutos de tolerância, só será permitida a entrada na aula do terceiro tempo. Em dia de prova o aluno deverá chegar à escola no horário de entrada, isto é, 7 horas – turno da manhã e 13 horas – turno da tarde.
- ➡ **DAS SAÍDAS** – O aluno só poderá sair da sala de aula com a permissão do professor(a). Antes do término normal das aulas, o aluno só poderá se ausentar do Colégio, com a autorização do responsável, por escrito ou com documento comprobatório, solicitando a liberação à Orientação Educacional. Não é permitida a saída do aluno para almoçar fora, visto que a escola fornece refeição para sua alimentação. Caso este não deseje comer a merenda escolar oferecida, poderá trazer sua refeição em uma marmita elétrica.  
O aluno que passar mal (saúde), NÃO poderá ir embora sozinho, este deverá comunicar o fato ao professor e ao coordenador de turno, que entrará em contato com o responsável, devendo este vir buscá-lo ou emitir documentação que autorize a liberação por outra pessoa idônea, devendo este ser maior de idade. Pedimos que mantenha seu telefone atualizado na secretária da escola.
- ➡ **FREQÜÊNCIA AS AULAS** – Não há intervalo entre as aulas; os alunos deverão permanecer em sala, aguardando a troca de professores. Após a entrada do professor, **não será permitido o ingresso de alunos**, a menos que estejam munidos de autorização da coordenação/orientação. A saída durante as aulas para ir ao banheiro ou beber água, fica proibida. Só poderá acontecer com autorização da O.E, mediante apresentação de parecer médico. O aluno deverá levar seu cantil de água, caso julgue necessário.
- ➡ **DAS INSTALAÇÕES** – Cabe a cada aluno a preservação das instalações colocadas a sua disposição, tais como: carteiras, equipamentos, materiais esportivos, pintura e instalações em geral. As despesas com os reparos aos danos causados serão transferidas a quem lhe der causa, ou seja, ao aluno, grupo ou turma, sendo passível de advertência por escrito.
- ➡ **ATENDIMENTO AOS PAIS** – Assuntos referentes a rendimento escolar, freqüência, solicitação de documentos, disciplina, não serão tratados por telefone. O responsável pelo aluno que desejar ter um contato pessoal com a Coordenação ou Orientação deverá comparecer ao Colégio, quando necessário e / ou as reuniões de pais, agendando de acordo com a disponibilidade dos setores.
- ➡ **DAS REUNIÕES**– É imprescindível a presença do responsável, sendo necessária a sua assinatura no LIVRO ATA. O comparecimento do responsável às reuniões, possibilitará o acompanhamento da vida escolar do seu filho(a), evitando com isso surpresas no decorrer do ano letivo.
- ➡ **DAS FALTAS** – Terá direito a justificativa, o aluno que trouxer documento para comprovar / justificar sua ausência, em caso de consulta médica ou por afastamento por problemas de doença, tanto para o período de aula, como para o período de avaliação. A família ou o próprio deverá trazer essa documentação a escola no **prazo máximo de 3 (três) dias após a consulta médica**, ao findar esse prazo a escola não mais aceitará esse atestado. O aluno tem direito a falta justificada, no entanto, deverá através dos colegas manterem as matérias e trabalhos em dia. As alunas gestantes deverão procurar a Orientação Educacional para abertura de processo e acompanhamento nesse período. É de inteira responsabilidade do aluno e/ou responsável o comparecimento à escola para recebimento e entrega de trabalhos e exercícios domiciliares, a qual tem direito aquele que comprovar seu afastamento com atestado médico. Esse acompanhamento especial não será realizado por telefone, redes sociais ou e-mail. O responsável deverá assinar um comprovante de comparecimento à

Unidade Escolar. Não haverá abono de faltas no contra turno devido a estágio remunerado, cursos ou outros, visto que o curso é em horário integral.

➡ **DO RECINTO ESCOLAR** – Em nossas dependências só poderão permanecer pessoas autorizadas na portaria e com roupas adequadas. É proibido o uso de short, blusas curtas e bustiê.

➡ **DA CONDUTA** – É expressamente proibida a permanência do aluno no pátio e corredores durante o horário de aula. O aluno que for pego realizando outras atividades não pedagógicas no horário será advertido por escrito e seu responsável será convocado. O mesmo se aplica a alunos que realizam atividades dentro de sala de matérias diferente da que está sendo ministrada.

Não será permitida a manifestação de namoros (beijos, sentar ou deitar no colo) dentro do recinto escolar e imediações da escola.

Respeitar os colegas eleitos como representantes de turma, solicitando dos mesmos uma atitude democrática. A falta de respeito, bem como colocar em risco os colegas, professores, coordenadores, funcionários ou qualquer pessoa constitui falta grave, falta de postura nos coletivos,... Incluem-se neste item os atos cometidos na proximidade da escola, tais como: ingerir bebidas alcoólicas, atos de vandalismo ou produzir algazarras, incentivando brigas e organizando grupos e/ou ameaças a colegas na área do colégio ou em suas imediações. Também constitui falta grave por LEI o uso de substâncias tóxicas e objetos que causem dano à integridade física, produzir situações que impliquem em constrangimento, discriminação e desrespeito, tais como: palavrões ou apelidos pejorativos (*Bullying*), podendo ser encaminhado ao Conselho Tutelar.

A escola não se responsabiliza por postagem em rede social, eduque o seu filho a usar de forma saudável a internet.

**OBS:** É proibido por Lei, postagem (internet e outros meios) da imagem da escola (fotos tiradas dentro da escola ou em eventos).. No caso de aluno menor, os pais serão responsabilizados. O fato acarretará em advertência e ocorrência na delegacia ou encaminhamento ao Conselho Tutelar.

➡ **DA HIGIENE** – O aluno deverá zelar pela sua higiene pessoal, pela limpeza da sala, banheiros e dependências do Colégio. Exemplo: garrafas espalhadas, papéis de rascunho ou de balas embaixo das carteiras ou pelo chão, etc... O representante ao término da aula deverá convocar o Coordenador de Turno para verificar as condições de limpeza da sala.

➡ **DA MONITORIA** – O aluno que desenvolver atividades de monitoria, receberá carga horária da disciplina de Práticas Pedagógicas.

➡ **DA IDENTIFICAÇÃO ESCOLAR**- O aluno terá direito a 1ª via de sua carteira escolar, inteiramente grátis. No caso de perda ou roubo da mesma, o aluno deverá adquirir sua carteira em uma papelaria, devendo seu responsável comparecer a escola para que a escola valide a 2ª via, através da assinatura e carimbo da direção. Carteiras sem assinatura, não serão consideradas válidas. É obrigatória a entrega da carteira escolar na portaria da escola, no ato da entrada do aluno.

➡ **DO RESULTADO** – O resultado das avaliações no final do ano letivo será dado conforme o cronograma da escola, bem como o pedido de revisão de notas e de provas. Cabe ao responsável acompanhar o rendimento escolar, acessando o boletim pelo site da SEEDUC. Em caso de inconsistências, o aluno deverá procurar primeiramente o professor, dentro do bimestre corrente, e persistindo a dúvida, notificar a coordenação dentro do bimestre.

➡ **DA MUDANÇA DE TURNO E TURMA** – O aluno tem garantia de sua vaga, porém a turma e o turno serão definidos de acordo com a disponibilidade da escola. Os alunos que cursam a matriz curricular da Portaria 419 estudam em horário integral, não havendo escolha de horário, nem possibilidade de estudo em horário parcial.

➡ **DA DOCUMENTAÇÃO** – É obrigatória a entrega de toda documentação escolar até o dia 30 de abril do corrente ano. O aluno que trouxer dependência do ensino fundamental deverá cumprir na escola de origem trazendo a documentação para ser entregue à secretária no prazo máximo de até início de maio do corrente ano letivo. É obrigatória a entrega do atestado médico, ao professor, para a prática de atividades físicas.

➡ **DAS PENALIDADES** – O aluno que tiver atitudes não condizentes com o **TERMO DE COMPROMISSO** assinado poderá ser advertido e em caso de reincidência passará por análise do Conselho Escolar. Toda notificação de advertência deverá ser assinada pelo responsável mediante o documento de identidade do mesmo.

Os casos não tratados neste Termo de Compromisso deverão ser resolvidos diretamente com a Direção

.....  
Eu \_\_\_\_\_ responsável pelo(a)  
aluno(a) \_\_\_\_\_ turma: \_\_\_\_\_, série \_\_\_\_\_ do CIEP Brizolão 179 Professor Cláudio  
Gama, estou ciente do Termo de Compromisso do ano de 2016.

## ANEXO C – Termo de compromisso de professor



ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
COORDENADORIA REGIONAL 29 – REGIÃO METROPOLITANA VII  
CIEP BRIZOLÃO 179 – PROF. CLÁUDIO GAMA



### TERMO DE COMPROMISSO DO PROFESSOR

#### **\* ANO 2016 \***

Querido professor, para que possamos ter um ano saudável e mais leve, sugerimos que algumas posturas com os alunos sejam evitadas. São elas:

- ☺ Não permitir em hipótese alguma o uso de aparelhos eletrônicos e celulares em sala de aula. Ressaltamos que o prof. não deverá tocar ou recolher objetos do aluno, caso este se recuse a guardar o objeto, chamar o coordenador de turno e encaminhar por escrito o resumo do fato à Orientação Educacional para que seja aplicada advertência.
- ☺ Não utilizar pesquisas e internet onde o aluno consulte o seu celular em sala, fazendo isso você constrange o aluno que não tem.
- ☺ Não saia da sala durante a aula para atender ao telefone no corredor. O professor deve permanecer em sala, durante todo o tempo de aula.
- ☺ Ao corrigir o aluno individualmente, fazer sempre próximo a ele, usando tom de voz baixo de modo a não expô-lo diante da turma. Em casos mais sérios, encaminhe-o a O.E, entregando também um relatório descritivo do fato ocorrido, para que o mesmo seja advertido e/ou o responsável seja convocado.
- ☺ Evite falar nota e o total de faltas do aluno diante da turma, chame-o a sua mesa para tomar conhecimento, solicitando que o mesmo assine a ciência do fato.
- ☺ Não convocar responsável do aluno sem o aviso prévio da O.E. , C.P. ou Direção.
- ☺ Ao solicitar trabalhos, evite onerar o aluno, uma vez que nossa escola é da rede pública e possui uma clientela de baixa renda.
- ☺ Use de sua autoridade em sala de aula, apresentando seu contrato de postura à turma no início do ano. Evite chamar à O.E. e C.P. para intervir, pois fazendo isso você poderá perder a autoridade diante da turma. Chame apenas em casos excepcionais.
- ☺ O professor não poderá suspender os alunos das aulas, essa medida só pode ser feita mediante autorização da Supervisão Escolar e pela Direção da escola.
- ☺ Ao tirar ponto do aluno, esclarecer o motivo por escrito, solicitando sua assinatura no documento.
- ☺ Aluno de outra turma não poderá assistir aula em sala diferente, salvo com autorização do professor.
- ☺ Não permita que o aluno assista às aulas com uniforme inadequado (manga dobrada, calça jeans, blusa aberta ou de educação física,...).
- ☺ As avaliações são documentos do aluno, portanto devem ser entregues após correção, aproveitem peçam que assinem o recebimento do mesmo, a fim de evitar transtornos futuramente.
- ☺ Evite que os alunos sentem em fileiras de três, salvo em atividades em grupo.
- ☺ Ao final de sua aula, observe a conservação da sala. (Mesas rabiscadas, chão sujo)
- ☺ Evite situações de intimidades entre alunos (piadinhas, apelidos, brincadeiras...). Assim como manifestar-se com cautela nos perfis sociais dos alunos.
- ☺ O professor deve evitar contato físico com alunos, passar a mão no ombro, mexer em seus cabelos, ...
- ☺ Evite também se referir ao aluno como turista, afirmações como “Já está reprovado”
- ☺ O coordenador de turno em hipótese alguma deverá ficar com a turma a pedido do professor. Fazendo isto, você estará impondo respeito e autoridade, criando assim hábitos saudáveis.
- ☺ Em caso do aluno passar mal, chame o coordenador de turno para providenciar atendimento e acolhida. Não autorize a descida dele sozinho, para que possamos evitar incidentes maiores. Procure não opinar em relação ao diagnóstico, visto que o mesmo pode se influenciar dificultando a sua melhora.
- ☺ Quanto aos aspectos pedagógicos solicitamos maior atenção aos diários:
  - ✓ Use somente uma cor de caneta- preta ou azul.
  - ✓ Realize os registros DIARIAMENTE; principalmente a frequência.
  - ✓ Observar atentamente a devolução do diário ao final de seu uso.

- ✓ Não permitir manuseio do diário por parte do aluno, assim como completar sua chamada.
- ☺ Deixar claro através do contrato, os critérios de avaliação e postura disciplinar.
- ☺ Lembre-se de entregar ao final de cada bimestre os registros escritos e documentações referentes à turma (recuperação paralela e GIDE).
- ☺ Aplique as recuperações paralelas antes dos conselhos para chegar ao mesmo com suas ações consolidadas.
- ☺ Aplicação de provas:
  - ✓ Não é permitido ao professor aplicador a leitura e tecer comentários referentes às questões da mesma.
  - ✓ A organização dos alunos nas carteiras deverá obedecer à ordem do diário de classe.
  - ✓ A lousa deverá estar totalmente apagada.
  - ✓ Em caso de resistência ou discordância em questões relativas à prova, o aplicador deverá orientar os alunos a assinar e fazê-la, resolvendo com o professor as dúvidas na aula seguinte.
  - ✓ Qualquer eventualidade deverá ser registrada no verso da lista de presença. Exemplos: Suspeita de cola, discordância de questões, entre outros.
  - ✓ Caso seja permitida a utilização de calculadoras, dicionários, ou outros materiais, essa orientação deve estar clara e devidamente registrada.
- ☺ O professor deve permanecer em sala, durante todo o tempo de aula.
- ☺ O professor deverá arcar com as despesas ao causar danos materiais de forma intencional, na unidade administrativa.
- ☺ Caberá ao professor de Educação Física receber, protocolar e entregar o atestado médico do aluno à secretaria da escola.



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO  
COORDENADORIA REGIONAL METROPOLITANA VII  
CIEP BRIZOLÃO 179 – PROF. CLÁUDIO GAMA

## CONTRATO DAS DISCIPLINAS – Ano 2016

☺ **Professor(a):** \_\_\_\_\_

☺ **Disciplina(s):** \_\_\_\_\_

Caro aluno, para que possamos ter um aproveitamento melhor do conteúdo da disciplina é necessário o cumprimento de algumas normas de trabalho, como:

1. As normas contidas no regimento interno, deverão ser respeitadas durante as aulas, isto é, entrada às 7:00 horas ou às 13:00 horas com tolerância de 15 minutos. Durante a troca de professores, o aluno deverá permanecer em sala aguardando o mesmo. Manter o padrão do uniforme em sala de aula (não dobrar mangas, tirar a gravata,...).
2. Não sendo possível a utilização do uniforme completo, apresentar a declaração expedida pela O.E. com essa autorização.
3. Proibido o uso de aparelhos eletrônicos (celulares, fones de ouvido). Os mesmos deverão ser guardados. Caso haja real necessidade o professor deve ser informado no início da aula.
4. Comparecer as aulas portando o material da disciplina (caderno, livro, apostila,...)
5. É vedado ao aluno fazer trabalho de outras disciplinas durante as aulas.
6. Nas apresentações de grupo, se houver falta de um dos componentes, os demais integrantes deverão assumir o compromisso de apresentar pontualmente o trabalho. As dúvidas sobre o trabalho deverão ser tiradas até uma aula antes da entrega ou apresentação. Não será permitido a finalização de trabalhos durante a aula.
7. O aluno terá direito a segunda chamada mediante atestado apresentado a O.E. até 72 horas após a falta.
8. O aluno deverá se responsabilizar em procurar o professor para tomar conhecimento da sua nota e prova, respeitando o prazo do bimestre.
9. É obrigatório que o aluno tenha no caderno o plano de curso da disciplina, a fim de evitar dúvidas.

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do Professor**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do aluno**